



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**A REPRESENTAÇÃO DA HISTÓRIA LOCAL NO MUSEU DO ALGODÃO DE CAMPINA
GRANDE: LUGARES DE MEMÓRIA E PODER.**

LUCAS GABRIEL PAULINO SCOREL

CAMPINA GRANDE, PB

2024

LUCAS GABRIEL PAULINO ESCOREL

A REPRESENTAÇÃO DA HISTÓRIA LOCAL NO MUSEU DO ALGODÃO DE CAMPINA
GRANDE: LUGARES DE MEMÓRIA E PODER.

Trabalho apresentado ao curso de Licenciatura em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Roberto Jordão Knack

CAMPINA GRANDE, PB

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

LUCAS GABRIEL PAULINO ESCOREL

A REPRESENTAÇÃO DA HISTÓRIA LOCAL NO MUSEU DO ALGODÃO DE CAMPINA
GRANDE: LUGARES DE MEMÓRIA E PODER.

Trabalho De Conclusão De Curso avaliado em __/__/____ com o conceito __

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Eduardo Roberto Jordão Knack.

Prof. Dr^a. Regina Coeli Gomes Nascimento.

Prof. Dr. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio.

CAMPINA GRANDE, PB

2024

Gostaria de dedicar este trabalho a meu Pai (*in memoriam*), que, ao caminhar comigo pelas ruas de Campina Grande e compartilhar suas memórias da cidade, despertou em mim a curiosidade por sua História.

AGRADECIMENTOS

Não seria quem sou hoje sem minha Mãe, que além de ter me criado -literalmente até-, batalhando constantemente para tal, me apoiou e me acalmou no decorrer não só deste trabalho, mas pelos últimos 22 anos, me incentivando na busca pela educação e garantindo as condições para tal. Agradeço muito, mais do que conseguiria expor com palavras por ser seu filho. Se ingressei e agora concluo uma licenciatura deve-se muito a sua influência na minha vida.

Ainda dentro do meu núcleo familiar, sinto imensa gratidão pela minha irmã, Lívia, por me ajudar, de diferentes modos, nos últimos 22 anos, sou imensamente grato por te ter em minha vida, muito de quem sou em quanto sujeito devo a tuas contribuições, em especial por me apresentar diferentes artistas, músicas, séries e filmes que se tornaram meus favoritos. Ao meu irmão, Gustavo, devo também imensamente, pelo apoio que recebi, em especial nos últimos tempos, juntos somos mais fortes.

Embora não esteja mais conosco, sinto muita gratidão pelos diversos momentos pude ter com meu Pai, que infelizmente faleceu no início deste ano. Obrigado por ter sido o melhor pai que poderia desejar, embora sua partida seja recente, já sinto imensa saudade de compartilhar risos e pensamentos com você, sou grato por ter tido sua figura enquanto inspiração de como agir de maneira mais humana no mundo.

Aos amigos que pelos últimos anos vêm sendo parte da minha vida. Sinto imensa gratidão a Larissa e Carol por estarem ao meu lado nos últimos anos, sem vocês ter cursado História na UFCG não teria sido a experiência fantástica que julgo ter sido. Obrigado pelas conversas nos mais variados espaços da Universidade, nos quais conversamos sobre os mais variados temas, rimos e nos divertimos em meio a tensões da vida acadêmica. Que nossa amizade continue a crescer, tenho certeza que vocês continuaram a se desenvolver em ótimas profissões.

Conheci também em meio ao decorrer do curso a pessoa que hoje é meu namorado e com quem atualmente divido um lar, Juan, com quem tenho o prazer de dividir vários felizes momentos, contigo a vida se torna mais leve e bonita. Obrigado por estar comigo até aqui, e que nosso amor continue a florescer.

Gostaria de agradecer de maneira geral aos professores do curso de História da UFCG, pelas indicações de leituras e frutíferas discussões sobre os mais variados temas, além de terem servido como constante inspiração para quem desejo ser enquanto professor. Entre eles, sinto a

necessidade de agradecer pontualmente a alguns: Ao Prof. Eduardo Knack, que me orientou neste trabalho e tornou possível a execução deste projeto de pesquisa; Ao Prof. Alarcon, por ter me auxiliado em meio ao que foi um período desesperador; A Prof.^a Regina, pela oportunidade de atuar no Programa Residência Pedagógica, experiencia esta que cimentou em mim a vontade de atuar em sala de aula como professor, além disso, por através de suas correções dos meus relatórios ter auxiliado na evolução de minha escrita.

A Equipe dos museus que foram visitados para a realização desta pesquisa, em especial a do MACG, e singularmente a Dona Maria José, por nos receber com tanto carinho e dedicação em seu espaço de trabalho por qual nutre grande afeto.

Nesses últimos anos cultivei a amizade de diversas pessoas incríveis, não caberia aqui todas nomear, ainda assim, obrigado, pelas risadas, conversas e momentos de descontração. Acredito que somos uma mistura de todas as pessoas que estão e que já passaram por nossa vida, sinto orgulho de quem sou e de quem estou me tornando, e isso é parcialmente graças a minha família, amigos, e demais pessoas que me marcaram enquanto sujeito.

Ó, linda flor, linda morena

Campina Grande, minha Borborema

(Jackson Do Pandeiro)

RESUMO

Este estudo investiga o papel do Museu de História e Tecnologia do Algodão, localizado em Campina Grande, Paraíba, na preservação e construção da memória histórica local. A cidade emergiu no início do século XX como um importante centro de beneficiamento de algodão, experimentou um período de significativa prosperidade econômica, impulsionado pela cotonicultura e pela expansão ferroviária. Com o declínio dessa atividade econômica, a cidade se reinventou, mas continua a preservar a memória de seu passado através de espaços como o Museu do Algodão, criado em 1973. Buscamos analisar como o museu, situado na antiga estação ferroviária, organiza e exhibe seu acervo para contar a história da cidade, destacando a importância do algodão e da ferrovia no desenvolvimento local. Nossa pesquisa se fundamenta em teorias de autores como Ramos (2008), Nora (1984) e Espinosa (2019), nos ajudando a explorar como a memória coletiva é moldada em História oficial pelas elites locais, que é exposta em locais de memória, como os são os museus, operando, entre outras funções, como um instrumento ideológico de poder. A análise das exposições revela uma ênfase na narrativa de progresso e modernização, destaca os “grandes homens” da cidade e o desenvolvimento econômico pelo qual passou a cidade neste período, ao passo que não incentiva uma percepção crítica sobre o que lá é apresentada e falha em apresentar narrativas de outros sujeitos que não membros da elite local, sendo a esses relegados o papel de figurantes em sua leitura da história local. Pretendemos, assim, contribuir para a discussão sobre a função dos museus como espaços de memória e de educação histórica.

Palavras Chave: Campina Grande; Museu do Algodão; Lugares de Memória; Narrativas Históricas.

SUMÁRIO DE FIGURAS

Figura 1- Museu Histórico e Geográfico de Campina Grande.	27
Figura 2- Museu de Arte Assis Chateaubriand.....	28
Figura 3- Museu de Arte Popular da Paraíba.....	29
Figura 4- Museu Digital.	30
Figura 5- Museu De História e Tecnologia do Algodão de Campina Grande	33
Figura 6- <i>Print</i> do Google Maps, mostrando o MACG e seus arredores.....	37
Figura 7- Local dedicado a memória de Cristiano Lauritzen.	41
Figura 8- Local Dedicado a memória da antiga estação ferroviária.	41
Figura 9- Espaço retratando uma sala de estar de uma família abastada financeiramente.	42
Figura 10- Tecnologia Rudimentar Algodoeira.....	42
Figura 11- Maquinário Algodoeiro Moderno.	43
Figura 12- Algodão Colorido e diferentes tecidos com ele produzidos.....	43
Figura 13- Máquinas utilizadas “atualmente” no processo de beneficiamento do algodão.....	43
Figura 14- Locomotiva a Vapor.	44
Figura 15-Estação Ferroviária de Campina Grande	45
Figura 16- Museu do Algodão de Campina Grande visto pelo lado da ferrovia.	45
Figura 17- Personalidades campinenses na antiga estação ferroviária de Campina Grande	46
Figura 18- Fardo nº 50.000 exportado por Campina Grande.....	47
Figura 19- SANBRA nova, no bairro da Liberdade.	48
Figura 20- SANBRA Velha, meados da década de 60	48
Figura 21- Comércio e Indústria Marques de Almeida Sá	49

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPITULO 1: MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E HISTÓRIA EM CAMPINA GRANDE.	16
1.1-DISSCUSSÃO TEÓRICA	16
1.2 MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E MUSEUS	18
1.3-O OURO BRANCO NA HISTÓRIA DE CAMPINA GRANDE.....	20
1.4- MUSEUS E CIRCUITO CULTURAL DA RAINHA DA BORBOREMA	24
CAPITULO 2: O MUSEU DE HISTÓRIA E TECNOLOGIA DO ALGODÃO DE CAMPINA GRANDE, HISTÓRIA E ANÁLISE MUSEOLÓGICA.	33
2.1. A HISTÓRIA DO MUSEU DE HISTÓRIA E TECNOLOGIA DO ALGODÃO DE CAMPINA GRANDE.....	33
2.2. AS RUGOSIDADES ESPACIAIS NOS ARREDORES DO MUSEU DO ALGODÃO.	36
2.3. DESCRIÇÃO MUSEOLÓGICA DO MACG	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERENCIAS	55

INTRODUÇÃO

A cidade de Campina Grande, localizada no estado brasileiro da Paraíba, é atualmente a 2ª maior do estado, chamada carinhosamente pelos seus habitantes de “Rainha da Borborema” e consagrada como a terra do “Maior São João do Mundo”. No passado, chegou a ter maior importância, socioeconomicamente, que a capital administrativa do estado. Isso em grande medida, devido a sua posição geográfica, servindo para conectar o litoral e o sertão da Paraíba, para além de ser um “nó” dentro da região Nordeste, conectando os estados de Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará à Paraíba. Essa posição geográfica estratégica foi utilizada pelos “Tropeiros da Borborema” que utilizaram o terreno que viria a ser Campina Grande como entreposto comercial, sua importância somente se ampliaria a conexão da cidade através de uma ferrovia conectando-a diretamente ao porto de Recife, e, portanto, ao mundo.

Desde o Século XIX a cotonicultura estava sendo praticada no nordeste brasileiro, passando por “boom” em momentos de afastamento entre o Reino Unido e os Estados Unidos, relação essa que se dava entre o primeiro grande importador da matéria prima, possuindo uma notável indústria têxtil, e o segundo, na sua região sul, na condição de agroexportador, utilizando-se do método plantation. Assim, propulsionado pela guerra civil americana, a cotonicultura passa a ter grande importância para a economia nordestina, em especial para o agreste e sertão.

Campina Grande, por estar em posição estratégica, passa a servir como praça comercial do “Ouro Branco”, atraindo tropeiros do sertão com algodão, couro, carnes e diversos outros produtos, e também “grandes homens”, que buscavam comprar e exportar a matéria prima para o mundo. Antes da chegada do trem em 1907, a cidade havia se tornado polo comercial da região para diversos produtos, com a chegada das estradas de ferro, potencializa sua localização geográfica, e passa a beneficiar diversos produtos vindos do sertão, a caminho do porto de Recife. Com o trem e o comércio do algodão, a cidade passa por um período de expansão e industrialização, a elite local, enriquecida, busca do exterior itens antes inacessíveis na região, a cidade, em especial sua elite, faz-se moderna e global. Tal período, foi canonizado na história da cidade como seu apogeu, Campina se torna Grande a partir do trem e do algodão.

No pós 2º Guerra, o beneficiamento do algodão começa a perder seu espaço na economia local, até decair, e tornar-se quase que insignificante na década de 80, a cidade eventualmente se reinventa economicamente. Embora adapta-se a nova realidade, o cultivo do algodão, seu beneficiamento, e os trens que o transportava mantém seu lugar central enquanto peça nas

narrativas do o enriquecimento “da cidade”. Campina Grande cresce, mas continua olhando para o que percebe como sua origem com certa nostalgia e melancolia. O algodão, antes tão presente no cotidiano da cidade, passa a figurar apenas em sua memória.

Em 1973, na gestão de Evaldo Cavalcanti da Cruz, com a economia algodoeira já decadente, é criado através da Lei nº 24/73, de 13 de fevereiro o Museu de História e Tecnologia do Algodão, conhecido popularmente como “Museu do Algodão” que funciona no espaço que outrora abrigou a Estação “velha” da cidade. Espaço esse, que foi criado para manter viva a memória sobre o período algodoeiro no estado da Paraíba. Em sua atual versão possui em seu acervo diversas máquinas que tinham parte no processo de beneficiamento do Algodão, uma locomotiva a vapor, datada de 1922, além de expor fotografias da cidade em processo de transformação pelo Ouro Branco.

Neste trabalho, através de leituras realizadas de autores como: Ramos (2008), Nora (1984) e Espinosa (2019), pretendemos analisar a exibição das peças empreendidas pelo Museu do Algodão. Apropriando-nos de conceitos por eles utilizados em suas pesquisas para nossos objetivos particulares. A exemplo do papel que espaços como os museus podem ter dentro da educação de História para Ramos; O entendimento sobre as apropriações dos lugares de memória por Nora; e as discussões sobre os objetos e suas almas por Espinosa. A contribuições dos citados autores para o campo da história patrimonial foram imprescindíveis para a realização da presente pesquisa.

Buscamos nesse espaço, o Museu do Algodão, os indícios da relação que se dá entre a cidade de Campina Grande e sua memória. E analisar como o passado da cidade, transformado em História pelas elites locais, é utilizado, através da criação de uma narrativa histórica, como artifício ideológico na manutenção de seu poder. Para além de discutir a relação entre Memória, História e os Espaços de Memória - em especial museus-, que se dá na cidade de Campina Grande.

Campina Grande ganha importância durante o período áureo do algodão na Paraíba, nas primeiras décadas do século XX serviu como centro regional de beneficiamento desse produto e passou por grandes transformações sociais e econômicas. A cidade tornou-se industrializada, trouxe diversos artefatos tecnológicos para o interior paraibano e modernizou-se significativamente. Esse processo é comemorado de diversas maneiras pelos habitantes da cidade, sendo notável a percepção acerca do município como sendo uma “Cidade Tecnológica”, “Do Futuro” e “Moderna”. Tal autoimagem foi fundada em um momento de progresso

econômico, chefiado pelas diversas indústrias provenientes de sua existência como uma praça algodoeira. Após o fim desse período de prosperidade, onde o algodão enquanto matéria prima perdeu espaço na economia local, a cidade perde seu marco fundador ideológico, a matéria prima que a fez perceber-se como “Grande” tomou um espaço secundário no imaginário local. Na contemporaneidade -2024- O principal motor econômico da cidade não mais é o beneficiamento do algodão, também não possui mais linha ativa de trem, trata-se hoje de uma cidade movida pelo setor terciário, notavelmente com seus callcenters e o turismo em torno do São João.

Para fortalecer a memória em torno desse período, foi criado o Museu do Algodão, localizado na antiga estação ferroviária local. Este museu, que é o foco da presente pesquisa, serve como um espaço de memória para a cidade. A partir da exposição lá situada sobre a história de Campina Grande, pretendemos compreender o que os organizadores do museu desejam comunicar sobre o passado da cidade e como isso justifica as ações que constroem seu presente e futuro. O objetivo deste trabalho é compreender o papel do museu em questão na construção da memória local e em como as diversas escolhas empreendidas por essa instituição em sua exibição museológica dialogam com a metamemória da cidade.

Em minha história pessoal, foi através dos museus da cidade que pude me conectar com sua história, visto o diminuído papel que tem tido tal tema nas salas de aula do ensino básico, devido aos cortes na carga horária e à prioridade dada a conteúdos importantes para os vestibulares. Por isso, julgo importante entender quais narrativas históricas são transmitidas pelos museus da cidade aos seus diversos públicos, incluindo alunos do ensino básico que visitam esses locais com suas escolas, e que constroem com tal experiência de visita parte de sua relação com sua cidade. Com esta pesquisa pretendo contribuir em alguns aspectos com a historiografia sobre Campina Grande, e em especial aos usos de sua história em seus museus.

Esse trabalho teve início durante a disciplina “Ciberespaço e Ensino de História”, onde, já na primeira unidade, fomos desafiados a explorar formas de integrar o ensino de História ao ambiente virtual. Para isso, junto com minha amiga Larissa, criamos um blog¹ que apresentou, ainda que de maneira amadora uma experiência virtual de visita ao Museu do Algodão e promovemos uma breve discussão sobre esse espaço. Essa experiência inicial foi fundamental e inspirou o tema da minha monografia.

¹ Link para visita do blog mencionado: <https://sites.google.com/estudante.ufcg.edu.br/omacnociberespao/in%C3%ADcio>

Para cumprir com os objetivos propostos, dividimos o trabalho em dois capítulos. No primeiro capítulo, vamos contextualizar a história da cidade de Campina Grande, com ênfase especial no algodão, que é o foco do Museu de História e Tecnologia do Algodão (MACG). Além disso, discutiremos os diferentes museus existentes na cidade, considerando seus recortes histórico-temporais e outras particularidades. Vamos explorar as condições materiais de suas exposições, o acesso dos visitantes a elas e sua posição no circuito cultural-turístico da cidade. Em seguida, faremos uma retrospectiva dos diversos usos dos museus, buscando compreender como foram e são utilizados pelas sociedades nas quais estão inseridos, com foco especial em Campina Grande e no museu alvo desta pesquisa. Apresentaremos também uma discussão teórico-metodológica, utilizando autores como Ferreira (1994), Ramos (2008), Nora (1984) e Espinosa (2019), fundamentando nossa proposta com base em suas pesquisas.

No segundo capítulo, analisaremos em profundidade as diversas particularidades do Museu de História e Tecnologia do Algodão. Discutiremos os elementos que compõem o museu, incluindo o contexto da cidade na época de sua fundação, em 1973, e sua evolução até a contemporaneidade. Faremos uma narrativa do percurso museológico dentro da instituição, abordando os diversos ambientes e peças do museu, para entender a proposta de sua presença no contexto da exposição e como a mediação constrói uma narrativa ao longo do percurso do museu. Além disso, analisaremos como a localização da instituição dialoga com seus arredores, destacando traços do passado histórico que o museu busca expor. Por fim, procuraremos compreender como as peças mencionadas se encaixam para formar a proposta de uma narrativa pelo Museu para a cidade de Campina Grande.

CAPITULO 1: MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E HISTÓRIA EM CAMPINA GRANDE.

Neste capítulo trataremos de 3 principais discussões, a primeira, refere-se ao referencial teórico deste trabalho, onde discutiremos algumas ideias de autores como: Espinosa (2019), Nora (1984) e Ramos (2008); posteriormente, empreenderemos uma breve discussão da produção historiográfica sobre a cidade de Campina Grande durante seu ciclo algodoeiro, buscando nos fundamentarmos na bibliografia existente para assim podermos entender como a cidade apropriou-se de sua história em seus diversos monumentos, e como tais apropriações podem ser observadas no objeto de nossa pesquisa; por fim, analisaremos as condições nas quais estão os diversos museus e demais itens patrimoniais relevantes a história da cidade, compreendendo como estão dispostos em sua cartografia urbana, buscando discutir como se dá o turismo histórico na Rainha da Borborema.

1.1-Discussão Teórica

Temos em nossa pesquisa três autores com imensas contribuições teóricas. O primeiro deles é Pierre Nora, a partir de seu texto “Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares.” datado de 1984, discute sobre os locais de memória, o autor elucida sobre a relação entre memória e história, e como tal relação faz-se presente dentro dos museus, para ele: “Desde que haja rastro, distância, mediação, não estamos mais dentro da verdadeira memória, mas dentro da história” (Nora. 1984. P.3). Não se teria incentivos para se preservar a memória ainda fresca, nem em uma que não se veja valor em ser preservado, deve ser notado que dentro dos museus esse movimento, a decisão sobre o que será preservado ou não, ocorre de maneira ensaiada, a memória “morta” que ainda se tenta preservar está lá pois alguém assim o quis. A memória advém da vida e da experiência, a história existiria a partir da digestão dos restos deixados nestes momentos. Este autor apresenta o conceito de locais de memória, para ele: “São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos.” (Nora,1984, P.15), ele afirma que estes 3 aspectos devem sempre coexistir, e destaca também a necessidade de intenção por trás de tal espaço. Locais como os que o autor apresenta podem ser vários, livros didáticos, arquivos, monumentos e museus podem ser descritos como locais de memória.

A partir disso, podemos buscar pensar o que está sendo preservado dentro do MACG e porque, estando tal inquérito no núcleo do problema a nesse trabalho ser discutido. Utilizaremos da discussão feita por Francisco Ramos em: “A Danação do Objeto” publicado em 2008, no qual o autor trata de diversas questões referentes aos usos dos museus, em especial no tocante a seu

caráter educativo, contribuindo com Nora para irmos ao Museu do Algodão com perguntas adequadas a se fazer. Em seu texto o autor trata primordialmente de como esses espaços têm tremendo potencial educativo, sendo esse nem sempre são devidamente apropriados, o autor compreende a educação dentro de uma perspectiva freiriana, onde o aluno não deve ser tratado como receptáculo vazio de um conhecimento que deve ser despejado pelo professor, mas sim, construído através da relação docente e discente, havendo a transferência desses papéis para existente dentro da que se dá entre mediador e visitante de uma exposição museológica.

Para o autor: “Atualmente, os debates sobre o papel educativo do museu afirmam que o objetivo não é mais a celebração de personagens ou a classificação enciclopédica da natureza, e sim a reflexão crítica.” (Ramos, 2008. P.1) Ao buscarmos a reflexão crítica dos visitantes em relação a exibição como objetivo de uma visita ao museu, algumas atitudes mais clássicas, como a ampla e rasa exposição de dados sobre a peça, passam a ter menor ênfase, e o questionamento da obra, por visitante e mediador, ganha maior papel. A visitação a um museu histórico não deve servir apenas para que haja contato entre o visitante e peças do passado, mas sim, que a partir desse contato haja a construção de conhecimento. Para o autor:

“Ninguém vai a uma exposição de relógios antigos para saber as horas. Ao entrar no espaço expositivo, o objeto perde seu valor de uso: a cadeira não serve de assento, assim como a arma de fogo abandona sua condição utilitária. Quando perdem suas funções originais, as vidas que tinham no mundo fora do museu, tais objetos passam a ter outros valores, regidos pelos mais variados interesses.” (Ramos, 2008. P.1)

Contribuiu também com nosso trabalho a dissertação de Hellen Espinosa, intitulada “Alma dos objetos: abordagens memoriais e biográficas de objetos do Museu Cláudio Oscar Becker” publicada em 2019. Em tal trabalho, a autora discute o conceito de “Alma dos objetos” e busca compreender como a essência dos objetos tornados peças de museus fazem-se presentes nas exposições que estes compõem, e como tais almas contribuem para conectar o visitante à peça em exibição, e conseqüentemente a discussão histórica que busca abordar o museu. Discute também como as almas presentes nos objetos, suas subjetividades, estão diretamente ligadas com seu papel na sociedade nos quais estão inseridos. Diz a autora que: “Necessário frisarmos que o valor documental de um objeto/documento está nos efeitos que deles são gerados, isto é, como as pessoas o interpretam, o reconhecem e o aceitam como tal.” (Espinosa, 2019. P.23).

Para ela, mais importante que a materialidade do documento é como ele é interpretado, mais importante seria quais símbolos são vistos ao se observar determinada peça que o objeto em si. A “Alma” citada por Espinosa é um forte potencializador do papel educativo proposto por Ramos aos museus, gerando maior interesse nas exibições, por estarem conectados de maneira

mais íntimas ao público, e conseqüentemente tendo maior importância para a memória do local no qual está inserido.

“Os objetos de museus são carregados de significados, podem evocar memórias e estimular para que sejam criadas e fortalecidas as identidades. Ao serem patrimonializados, perdem o sentido comum do cotidiano e adentram aos museus pois são considerados objetos de valor para a sociedade (se houver ressonância social), lhes sendo atribuídos uma nova função, agora simbólica. (...) É por meio da memória e da identificação de um sujeito com um objeto que a alma é mobilizada. Assim como a memória, a alma é vida. Quanto mais for instigada a alma de um objeto, mais fortalecida e viva ela será.” (Espinosa, 2019. P.32)

Para Nora (1984): “No coração da história trabalha um criticismo destrutor de memória espontânea. a memória é sempre suspeita para a história” P.3. Com a mobilização da alma ainda ou a ser restaurada presente nos locais de memória o efeito destrutor da memória presente no fazer historiográfico pode ser minimizado.

1.2 Memória, Patrimônio e Museus

Patrimônio enquanto uma categoria de acordo com Lima (2012), remonta aos tempos da república romana, tendo originalmente um significado diferente do atual, dentro de um contexto altamente patriarcal, era dever do chefe de determinada família zelar pelas tradições de sua casa, sendo tal função passada através da primogenitura. Com o passar dos séculos a noção de patrimônio como algo a ser preservado permanece, o que é considerado como tal se modifica e se expande, passa haver certo desvinculo entre o *patrimonium* e o *pater familias*. O Patrimônio passa a ser algo de valor a ser deixado para as futuras gerações, possui também conotação financeira, mas valor para além desse aspecto.

“O pater famílias detinha o status social de ‘senhor do patrimônio’ e exercia na vida romana, como chefe de família, dono da casa (do domus), o papel de mantenedor das tradições, entre as quais o culto aos mortos e às divindades protetoras que se realizava no próprio lar, em cômodo destinado para tal fim e no qual se depositavam oferendas.” (Lima, 2012, P.33)

Entre a república romana e a contemporaneidade transpassaram diversos processos históricos, dentro os quais é notável o surgimento do estado-nação, passa a haver a necessidade de transformar súditos em cidadãos, nesse processo, buscando legitimar as narrativas históricas dessas entidades surgem os museus. Estas instituições descendem dos antiquários, espaços nos qual se colecionavam artefatos de variado valor simbólico, coisas variadas com o denominador comum de serem antigas, servindo como local de sua preservação e também comercialização.

“Ao longo de mais de vinte séculos, os bens imóveis e móveis, incluindo as coleções na segunda categoria, passaram da condição de guardados em âmbito privado e foram transmigrados para a situação de bens sob proteção e tratamento em contexto coletivo e de acesso público.” (Lima, 2012, P.45.)

Os museus que passam a ser criados assumem parte do acervo destas instituições, através de compras, ou como aponta a autora em relação a França revolucionária, com a destituição patrimonial da aristocracia e do clero. Estes antigos acervos passam a ter papel de âmbito educacional de maior acessibilidade, ilustram para a população -ao menos a parcela desta com acesso a tal tipo de instituições- a história de sua nação. Ao considerarmos este contexto histórico-social, onde o ensino de história era menos comum do que o é atualmente e no qual a História enquanto ciência estava em seus passos iniciais, locais de memória, nos quais figuram os museus, eram para a população “comum” um caminho para ter alguma espécie de contato com estas histórias nacionais.

Estes espaços que passam a surgir no decorrer do século XIX e cumprem um importante papel no que Ramos (2008) chama de sacralização da pátria, em maior e menor escala, no âmbito nacional e local/regional, respectivamente. Neste momento:

“O que merecia ficar no museu de feição mais tradicional era, em geral, o objeto da elite: a farda do general, o retrato do governante, a cadeira do político, a caneta do escritor, o anel de um bispo... Tudo isso compunha o discurso figurativo de glorificação da história de heróis e indivíduos de destaque.” (Ramos, 2008, P.1)

Inicialmente, assim como o que ocorria dentro da História, na Museologia estavam presentes ideias e noções deste momento histórico, objetivava-se uma neutralidade idealizada nas produções historiográficas e também em exposições museológicas. Esta percepção do conhecimento como “neutro” leva a uma falta de pensamento crítico sobre ele, não são percebidos como importantes questionamentos ou problematizações. Neste modelo não estão presentes as noções pedagógicas de construção de conhecimento que se difundiram na contemporaneidade, entendem-se que: o conhecimento existe, o professor tem conhecimento dele, e é o seu dever transmiti-lo para não o tem, seus alunos.

O que se compreende como digno de se estar em um museu se expande, em particular com a revolução historiográfica do século passado, passa-se a pensar museus e outros espaços patrimoniais também para as minorias, não somente objetivando uma história “nacional”. Percebe-se que em grande medida a história dita nacional é artificial, e relega a memória de grupos que não façam parte, por vários motivos, da elite dominante do referido estado ao esquecimento.

“se até os anos oitenta, as narrativas eram voltadas firmemente para o horizonte da nação, e todo e qualquer bem tombado o era em função de seus vínculos com a história e a identidade nacional, nas últimas décadas, patrimônios associados a grupos sociais, a grupos étnicos, a grupos profissionais, grupos religiosos, a movimentos sociais vêm sendo reivindicados, estabelecidos e reconhecidos, sem que os vínculos com uma

“identidade nacional” sejam necessariamente colocados em primeiro plano.”
(Gonçalves, 2012, P.64)

Fonseca (2003) afirma que mais recentemente passamos a considerar como patrimônio para além de objetos e artefatos de caráter material, aspectos da sociedade de caráter imaterial, para além da preservação de prédios e objetos com valor histórico, hoje entende-se como necessário salvaguardar também manifestações culturais, para além da pedra e cal está o patrimônio intangível, dito imaterial. Nesta categoria estão uma vasta quantidade de itens culturais, entre os quais a culinária, moda, ritos religiosos, e práticas artísticas. Com esta concepção foram criadas políticas públicas também neste sentido, fortalecendo a preservação de grupos antes não abarcados pelas práticas de preservação anteriores, em especial contribuindo para a manutenção e preservação de elementos culturais de grupos subalternos, antes ignorados pelo poder público. A preservação com este tipo de patrimônio não acontece da mesma maneira, não seria interessante apenas preservar essas manifestações culturais da mesma forma que acontece em um museu tradicional, são feitos registros, mas o principal aspecto dela é dar condições para a continuação dessas práticas.

A partir destas leituras compreendemos os museus como um lugar de poder, espaços como esses conferem legitimidade as narrativas históricas lá exibidas. Estes locais ajudam a moldar, através de sua função como espaço de educação, certas concepções sobre o que lá está exposto, afeta e é afetado pela sociedade no qual está inserido, existe para cumprir certa função social. Existem com função de preservar a memória, o fazem através da construção de narrativas históricas, selecionando certos recortes sociais para tal, ao o fazerem, mesmo que não intencionalmente, acabam por colocar em posição de menor importância a memória dos que estão fora de espaços como estes. Percebemos que há uma tendência de incluir em lugares de memória uma parcela cada vez maior da sociedade, buscamos então com nossa pesquisa perceber tais tensões presentes em museus históricos em algumas instituições deste tipo em Campina Grande

1.3-O Ouro Branco na História de Campina Grande

Neste breve texto, discutiremos o papel crucial do algodão no desenvolvimento econômico e cultural da cidade de Campina Grande. A vila emergiu no final do século XVIII, no contexto da interiorização da província da Paraíba. Nesse cenário, a pecuária e o couro desempenharam um papel central na colonização do sertão, enquanto a produção de açúcar, devido às suas exigências climáticas, permaneceu restrita ao litoral. Além disso, por seu maior valor comercial, o açúcar era produzido predominantemente como monocultura. Neste início de

sua história o lugarejo tinha um papel de “rancho” de descanso aos viajantes que passavam pela região, indo da capital ao sertão, ou ainda em meio ao tráfego interprovincial.

A vila é transformada em cidade em 1864, ano no qual já contava com a 2ª maior arrecadação da província em tributos, e possuía um importante feira de gado e de produtos regionais, rivalizando com cidades mais tradicionais do interior paraibano, a exemplo de Areia. Desde o começo desse século, o algodão vinha ganhando importância na região do nordeste brasileiro, em especial em seus sertões, e na Paraíba, o comércio dessa fibra tem na cidade de Campina Grande importante centro de seu beneficiamento. Esse sucesso inicial se deve em parte as condições geográficas nas quais encontravam-se a cidade, já possuía população razoavelmente grande, e, principalmente, estava bem localizada, com privilegiada posição nas rotas entre o litoral e o sertão paraibano, mas também para o trânsito entre as demais províncias do nordeste oriental.

A cidade, juntamente com a produção de algodão, tem sua importância crescer continuamente dentro da Paraíba, contribuindo com o processo de interiorização dessa província. Período esse no qual o açúcar, até então valiosa mercadoria regional sofria com paulatinas quedas em seus preços, levando a sua desvalorização, com isso, as elites açucareiras exploraram também, em outras regiões da província, as matérias primas já citadas, o algodão e o couro, que já em 1865 tinham maior expressão comercial em número de arrobas que o açúcar. (PEREIRA,2016. P.327)

Campina Grande assume certa hegemonia no interior paraibano, e toma papel central no trânsito do algodão produzido no interior para sua exportação no litoral, através dos portos de Recife e de Cabedelo. Em meio a isso, passam a se instalar aqui diversas indústrias de beneficiamento do algodão, além de comerciantes desse bem. Esse processo primitivo de industrialização além do próprio cultivo do algodão, que ocorria inicialmente principalmente através de meação, gerou desenvolvimento na região, e possuiu como centro desse desenvolvimento a “Rainha da Borborema”, que passou por um grande crescimento populacional e econômico. O trem chega à cidade em 1907, na gestão de Cristiano Lauritzen², fazendo com que Campina Grande se torne ponta de trilho, potencializando sua posição de conector entre o litoral e o interior paraibano, importante notar que tal ligação se deu em direção ao porto de

² Cristiano Lauritzen foi um dinamarquês que imigrou para o Brasil, onde se estabeleceu em Campina Grande. Foi comerciante, possuindo uma loja de relógios e joias na antiga Rua Grande, atual Maciel Pinheiro. Tornou prefeito, mantendo o cargo por 19 anos ininterruptos, sendo sucedido, na ocasião de sua morte, por seu filho. A ele é atribuído a responsabilidade pela construção do ramal ferroviário que chegaria na cidade de Campina Grande.

Recife, via Itabaiana, gerando disputas entre as duas províncias pela arrecadação tributária, dos bens que “fugiam” do porto de Cabedelo em direção a capital pernambucana.

Com o trem a cidade passa por outro processo de acelerado crescimento, conecta-se mais facilmente ao exterior, e a Recife, forjando intimas relações comerciais com essa cidade, comercializando com ela o algodão e demais produtos sertanejos em trocas de itens manufaturados para abastecer o crescente varejo local.

Com o passar das décadas o papel que possui o trem em meio comércio do algodão decairia, mas o desenvolvimento econômico e as relações sociais trazidos por ele permaneceria na cidade. Na década de 20 do XX, em meio a vinda de grandes indústrias do ramo do beneficiamento do algodão, ocorre uma consequente concentração desse processo na mão dessas indústrias, que tinham caráter de “estrangeiras” a economia campinense, as pequenas indústrias locais deixam de conseguir competir nesse ramo e se diversificam, passam a produzir produtos a partir de materiais como o sisal e o couro, além de pequenos manufaturados para o comércio regional.

A produção algodoeira paraibana entra em relativa decadência quando comparada à de São Paulo, que supera a da Paraíba entre 1918 e 1921. A forte competição entre essas duas regiões se estende até a década seguinte. Embora as exportações de algodão na Paraíba continuem a crescer, a produção paulista a ultrapassa em números absolutos. Em 1919, no meio de uma seca, a produção de algodão na Paraíba atinge 6,5 toneladas, a menor desde o início do século, para depois subir para 28 toneladas em 1923 e alcançar 50 toneladas em 1940. Em contraste, a produção em São Paulo aumenta de menos de 2 toneladas no início do século para 25 toneladas em 1923, chegando a mais de 300 toneladas em 1940. (PEREIRA,2016. P. 342)

A região Nordeste perde importância no comércio algodoeiro, e embora continue apresentando crescimento esse que é menor do que o de outras áreas do país, como São Paulo, e posteriormente o Centro-Oeste, que atualmente é a maior produtora desta malvacea. Na década de 1920, em meio ao crescimento da produção algodoeira na Paraíba, a instalação de indústrias maiores em Campina Grande e a diversificação do seu portfólio industrial, a cidade experimenta um significativo aumento populacional.

Antes da instalação da linha de trem, em 1900, Campina Grande, de acordo com os censos destes períodos, tinha 38 mil habitantes. Em 1920, o número subiu para 78 mil e, em 1940, ultrapassou os 120 mil habitantes. Nesse censo, Campina Grande é registrada como a maior cidade da Paraíba, superando João Pessoa, com 94 mil habitantes, Guarabira, com 75 mil

habitantes, e Mamanguape, com 65 mil habitantes. Neste período e até meados da década de 80 Campina Grande se enxergava como a verdadeira capital da Paraíba, por superar a capital em termos demográficos e econômicos, campina sentia-se grande.

A Produção algodoeira e suas industriais derivadas continuam a crescer, contando cada vez mais com o apoio de caminhões, que passavam a fazer-se mais presente com o aumento da malha rodoviária na Paraíba, substituindo gradativamente o trabalho antes feito pelos tropeiros e pelas locomotivas a vapor. A exportação do algodão entra em decadência, mas a produção algodoeira se volta para atender à crescente demanda da indústria nacional e segue em crescimento. Nas décadas seguintes a produção de algodão no Nordeste, e consequentemente em Campina Grande, permanece quase o mesmo, fazendo com que a região perca o protagonismo na cotonicultura para São Paulo.

A elite campinense, enriquecida pelo processo de industrialização vivida até então busca modernizar a cidade. A cidade de Campina Grande avança em seu processo de desenvolvimento, faz uma reforma urbana entre as décadas de 30 e 40, na gestão de Vergniaud Wanderley³ onde adota o Art Decô como estilo arquitetônico principal, que passa a servir como um expoente do estado de prosperidade e modernidade no qual se encontrava a cidade. Em sua reforma urbana há uma “bota a baixo” de diversos prédios de seu passado, as elites mais tradicionais perdem espaço, a história colonial da cidade é deixada de lado em busca do moderno, são demolidas antigas igrejas e casarões para dar lugar a largas avenidas e prédios dignos de uma cidade de sua época, a exemplo do Grande Hotel. Nesse momento são fundados na cidade Colégios e Faculdades, além de cinemas e livrarias, buscava-se uma Campina Grande ilustrada, que disponha de um portfólio de atividades culturais que façam sentido nesse horizonte idealizado para o município.

Na década de 80, começam a surgir diversas situações, de caráter natural e humanos, que desestabilizam a produção algodoeira. Uma dessas situações foi a seca que assolou o Nordeste brasileiro entre 1979 e 1983, que além de gerar alto custo humano, diminuiu e inviabilizou o cultivo do algodão nesses anos. Após a crise, a produção poderia ter retomado aos níveis antes atingidos, mas logo foi afetada por uma nova crise, a praga do bicudo, inseto que ataca a referida malvacea e pode, em alguns casos, levar a perda total da plantação. Esses dois desastres afetaram

³ Vergniaud Borborema Wanderley, foi prefeito da cidade por duas gestões, a primeira de 1936 a 1937 e a segunda de 1940 a 1945. Sua passagem pela prefeitura foi marcada por um grande plano de urbanização em Campina Grande, transformando principalmente o centro da cidade, removendo antigas vias, e substituindo-as com avenidas retas e largas, trazendo elementos tidos como modernos para a constituição urbana da cidade.

tremendamente a produção do algodão, e quando somados a crise econômica que passava o Brasil no período, e posterior abertura econômica aos mercados internacionais, efetivamente desmantelaram a indústria do algodão brasileira, que se ergueria nos anos 2000, através do Centro-Oeste que ainda era promissor para a agricultura do algodão, mas também de outras monoculturas. Com essas crises, a cotonicultura no Nordeste brasileiro encontrava-se em declínio. O “Ouro Branco” se fazia menos uma realidade em Campina Grande, passando a figurar em sua História e na memória das que estiveram envolvidas em seu ciclo produzida, em especial na elite econômica que ascendeu neste interim.

A cotonicultura era, no interior paraibano, feita principalmente através de meação, que apesar de favorecer os donos das terras trazia mais possibilidades econômicas aos agricultores. Era cultivada tipicamente através do consórcio desta, com outras culturas, como o feijão e o milho. Já em Campina Grande, houve ampla desinstalação de indústrias relacionadas ao algodão, a exemplo da SANBRA⁴, gerando demissões. Assim como o restante do país, a cidade passaria por um processo de desindustrialização generalizado, passando a ter sua economia grandemente dependente do setor terciário, através de seu comércio e *callcenters*. A visão da cidade enquanto “A Liverpool Brasileira” gradualmente desaparece, transforma-se num centro varejista e estudantil no interior nordestino, possuindo 2 universidades públicas além de diversas de caráter privado.

Nesse novo momento, o passado “Grande” de Campina passa a ser rememorado como tal, visto a situação de decadência relativa que se encontrava a cidade. O que antes era apenas a realidade da cidade passa a ser sua história, e assim como demais passados, esse, passa também a fazer-se tangível através de museus, a exemplo do MACG, onde a constante disputa entre memória e história, e os diversos interesses presentes nessa discussão fazem-se notáveis. A preservação da memória local, em um recorte específico, o algodão, é notadamente o objeto dessa instituição, como ela o faz, é o objeto deste trabalho. Antes, porém de empreender esta discussão, acreditamos que seja interessante analisar brevemente como estão situados alguns dos museus da cidade de Campina Grande em seu circuito cultural.

1.4- Museus e Circuito Cultural da Rainha da Borborema

⁴ A SANBRA era uma firma especializada em produtos como o agave, óleo e artigos comestíveis, além de trabalhar com o próprio algodão. Instalou-se em Campina Grande em 1935, sendo filial da empresa argentina “Bunge Y Born”, criada em 1884. Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com/2009/11/sanbra.html>. Acesso em 30/10/2024.

Discutiremos aqui 4 dos principais museus de Campina Grande, todos localizados em seu centro. O primeiro a ser visitado em nosso percurso foi o Museu Histórico e Geográfico de Campina Grande, localizado em sua principal avenida, a Floriano Peixoto, próxima a Catedral da cidade e sua prefeitura. Posteriormente, visitamos o Museu de Artes Assis Chateaubriand, localizado próximo ao museu histórico, estando essencialmente do outro lado da rua deste. Após isso, fomos as margens do cartão postal da cidade, o açude velho, em direção ao Museu de Arte Popular e posteriormente, nos dirigimos ao Museu Digital e enfim ao Museu do Algodão.

Nestes diversos espaços, encontramos desafios similares a visitação, a disponibilidade de horário para a visitação, e a falta de entre os monitores desses espaços e seus visitantes, o Museu Histórico e o Museu do algodão operam apenas no turno da manhã, das 8 às 12, tornando-os inacessíveis para grande parte da população trabalhadora da cidade, é notável também que o Museu digital SESI é o único dos espaços aqui apresentados a cobrarem de seus visitantes uma taxa pelo bilhete de entrada.

Importante notar também a natureza cíclica do turismo na Rainha da Borborema, que em junho se enche de vida e logo se esvai dela no mês seguinte, o turismo entorno do “Maior São Joao do Mundo” é um grande motor para a economia local, e neste período, turistas de diversos locais passam pela cidade, visitando entre outros locais, seus museus, como aferido ao conversar com os diversos funcionários destas instituições, junho é o mês onde estes espaços encontram maior número de visitantes, turistas e moradores.

O papel educativo dos museus é discutido por Ramos (2008), para o autor: “Para assumir seu caráter educativo, o museu coloca-se, então, como o lugar onde os objetos são expostos para compor um argumento crítico.” (Ramos, 2008. P.2), a exposição dos objetos, e o contato dos visitantes com eles, não são suficientes para cumprirem com o potencial educacional de locais de memória, como são os museus. Ramos entende também que o contato entre peça e visitante não deve ser obstruído e limitado pela presença de um monitor, este deve ter o papel de um instigador, mediando esse contato, de maneira a sanar dúvidas e apontar questionamentos, mas sem os responder de antemão, a exposição discursiva sobre as peças também não é entendida como a melhor saída, já que assim, não há uma construção de conhecimento sobre o objeto retratado em determinada exposição. Para este autor:

“Estudar a história não significa saber o que aconteceu e sim ampliar o conhecimento sobre a nossa própria historicidade. Saber que o *ser* humano é um *sendo*, campo de possibilidades historicamente condicionado e abertura para mudanças. É por isso que Paulo Freire argumenta que a pedagogia do diálogo está enraizada na "situacionalidade" do ser no mundo: "os homens *são* porque *estão* em situação".” (Ramos, 2008, P.4)

Seria menos interessante o visitante sair do museu compreendendo, as datas exatas que marcaram determinado evento, do que ser capaz de refletir sobre ele, compreendendo suas especificidades, não meramente saber que “Campina Grande foi a 3ª maior praça algodoeira do mundo”, mas conseguir compreender como isso ocorreu, e como as diversas causas e consequências deste processo marcaram a história da cidade e afetam seu presente, na vida cotidiana deste visitante. Deve-se envolver o visitante, o embebedar com a alma dos objetos proposta por Espinosa (2019) para propiciar a construção do conhecimento histórico sobre o objeto de conhecimento em questão.

Deve-se entender as dificuldades para a realização do que é defendido por este autor, o baixo orçamento e falta de interesse do poder público em fazer com que estes espaços tenham maiores capacitações neste sentido, quando há monitores, costumam, no melhor dos casos, recitar um texto decorado ao percorrer junto ao visitante determinado trajeto pelas peças do Museu. Além da falta de interesse na capacitação dos monitores, há também um descaso com os prédios que abrigam esses museus, tendo reparos infrequentes e insignificativos frente ao que poderia ser feito para melhorar tais espaços, estando eles, em especial os abrigados em prédios históricos, com grandes demandas. Em um momento onde a educação e preservação patrimonial sofrem desamparo do poder público, a manutenção destes espaços por si é algo louvável, O Museu do Algodão e o Museu Histórico recebem constantes visitas de escolas públicas e particulares da cidade, levando a um enriquecimento na formação desses alunos, que entram em contato com a história de sua cidade, contato esse que seria improvável de outra forma, visto os diversos desincentivos para a presença desta matéria nas escolas brasileiras, como a atual BNCC e o alto foco no ENEM.

Tendo em vista essas considerações, faremos uma breve apresentação do Museu Histórico e Geográfico de Campina Grande, Museu de Arte Assis Chateaubriand, Museu de Arte Popular e do SESI Museu Digital. Todos eles estão localizados na área central da cidade, compondo uma espécie de circuito cultural da cidade.

O Museu Histórico de Campina Grande, localizado em uma das principais vias do centro da cidade, já passou por diversos usos, foi construído inicialmente, em 1814, como uma cadeia, sendo posteriormente transformado em estação telegráfica e serviu ainda como gabinete da reitoria da Universidade Regional do Nordeste, atual UEPB, na segunda metade do século XX, até em fim ser tornado museu em 1983, durante o Governo de Enivaldo Ribeiro. Foi um dos poucos prédios no centro histórico da cidade a sobreviver ao “bota a baixo” promovido pelo prefeito Vergniaud Wanderley em meio ao processo de reforma urbana que passou a cidade,

preserva ainda traços da arquitetura colonial, estilo que antes, através dos casarões da elite local, povoava o centro da cidade, atualmente, destaca-se, em uso e estética, dos prédios ao seu redor, que são dedicados ao comércio varejista e a clínicas médicas.

É um prédio de dois pavimentos, ambos dedicados a exposição proposta pelo museu em questão. Tem em seu interior diversos artefatos de diferentes períodos da história da cidade, perpassando por suas diferentes eras e ciclos econômicos, aborda, de uma maneira ou outra, a história da cidade desde sua fundação, no século XVII, até meados da década passada, trazendo fotografias e peças representativas de seu processo de modernização.

A visitação deste espaço perpassa por diferentes aspectos da vida em Campina Grande. No primeiro destes espaços há armas datadas do período colonial e imperial, uma máquina projetor do antigo cinema da cidade, além de peças referentes a chegada da Energia e Telefone a cidade, existe também um espaço dedicado a memória de Frei Caneca, que ficou detido no prédio que abriga o museu em meio aos processos relacionados a Confederação do Equador. Há também um espaço dedicado a religiosidade local, com diversos oratórios, com imagens de santos e peças representativas de ex-votos.

Figura 1- Museu Histórico e Geográfico de Campina Grande.



Fonte: TripAdvisor

O Museu e sua exposição segue no primeiro andar, onde existem dois espaços diversos, o primeiro com peças expondo sobre a formação da cidade em meio ao que ficou conhecido

como a civilização do couro e da farinha, há também uma secção de galeria na sala ao lado, com fotografias de diversos espaços da cidade entre as décadas de 30 e 40.

O Museu de Arte Assis Chateaubriand, está localizado na Avenida Floriano Peixoto, uma das principais vias da cidade, próximo ao Museu Histórico, tem em sua fachada o estilo Neoclássico. Está funcionando no prédio que abrigou o primeiro colégio público da cidade de Campina Grande, o Grupo Escolar Solon de Lucena, construído em 1924.

Em nossa visita, realizada no mês de julho de 2024, conhecemos dois espaços, com duas diferentes exposições, a primeira, trata-se da “Substância-Atrito” da artista Rebeca Souza, que traz diferentes quadros explorando o preto nas suas telas, encerrando-se com um breve filme chamado “Desenho da Terra”. Em uma sala ao lado, está exposto o acervo de Aluízio Afonso Campos⁵, com diferentes peças, como louças, retratos e mobílias e peças religiosas. O prédio possui uma rica arquitetura no seu interior, com um pequeno jardim em seu centro e lindos detalhes, que conferem ao museu um ar de grandiosidade.

Figura 2- Museu de Arte Assis Chateaubriand.



Fonte: FURNE.

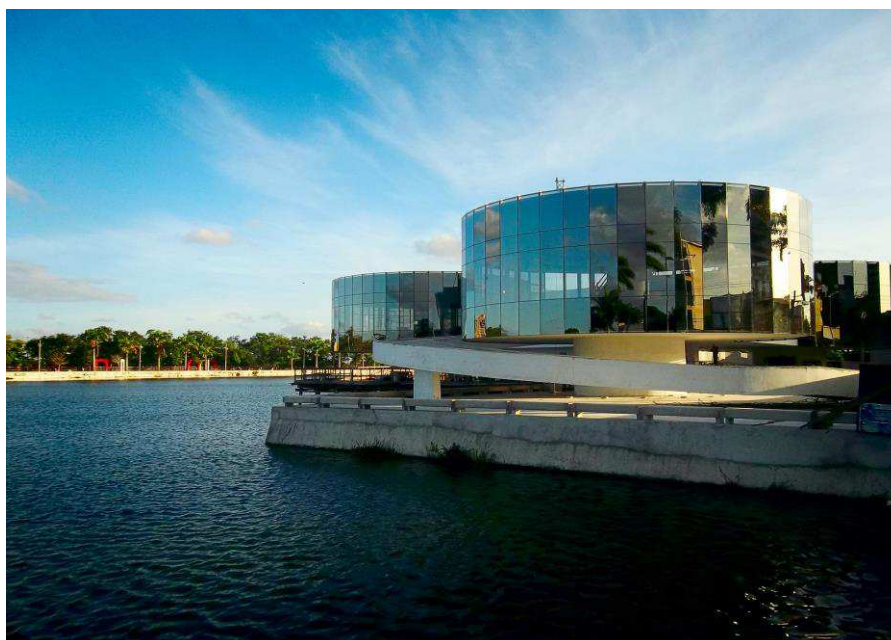
Em nossas visitas a estes dois museus nos acompanhou um monitor, que respondeu as dúvidas deste pesquisador sobre a exposição e do prédio do museu. Tiveram um papel notadamente passivo na visitação. Estavam presentes, mas operando nem através de uma mediação formulada baseada em um texto, engessada, mas também nem instigando o visitante

⁵ Aluízio Afonso Campos foi um advogado e político paraibano, nascido em Campina Grande. Foi Deputado Estadual entre 1935 a 1937 e entre 1951 a 1955, foi também Deputado Federal entre 1983 e 1991. Têm seu nome em um dos maiores conjuntos habitacionais do Brasil, localizado em sua cidade natal.

sobre os diferentes momentos da exposição. Sendo tal situação preferível a total ausência de um monitor para a exposição, mas deixa a desejar ao pensarmos o museu dentro de seu potencial educativo, seja para o conhecimento em torno da história ou das artes.

Posteriormente, fomos em direção ao açude velho, para o Museu de Arte Popular da Paraíba, conhecido popularmente como o museu dos 3 pandeiros. Seu prédio foi projetado pela equipe de Oscar Niemayer. Foi inaugurado em 2012, mas passou a receber visitantes apenas em 2014. É gerido pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Tem em sua estrutura 3 distintos espaços, cada um com um diferente componente da arte popular paraibana, o artesanato, a música e a literatura.

Figura 3- Museu de Arte Popular da Paraíba.



Fonte: Google Imagens.

Em nossa visita não fomos acompanhados por nenhum funcionário da instituição, percorrendo as salas e conhecendo as peças em exposição por conta própria. Por conta de sua posição geográfica, ter seu ingresso gratuito, e amplo horário de funcionamento, é um dos museus mais visitados da cidade, por moradores e turistas. Sua integração ao açude velho é um grande chamativo para aqueles que passam perto, servindo também como mirante as águas deste antigo manancial. Cada um dos três "pandeiros" tem uma forma de arte específica em seu interior como o artesanato, a música e literatura. De acordo com uma reportagem⁶ do G1: "Não há uma

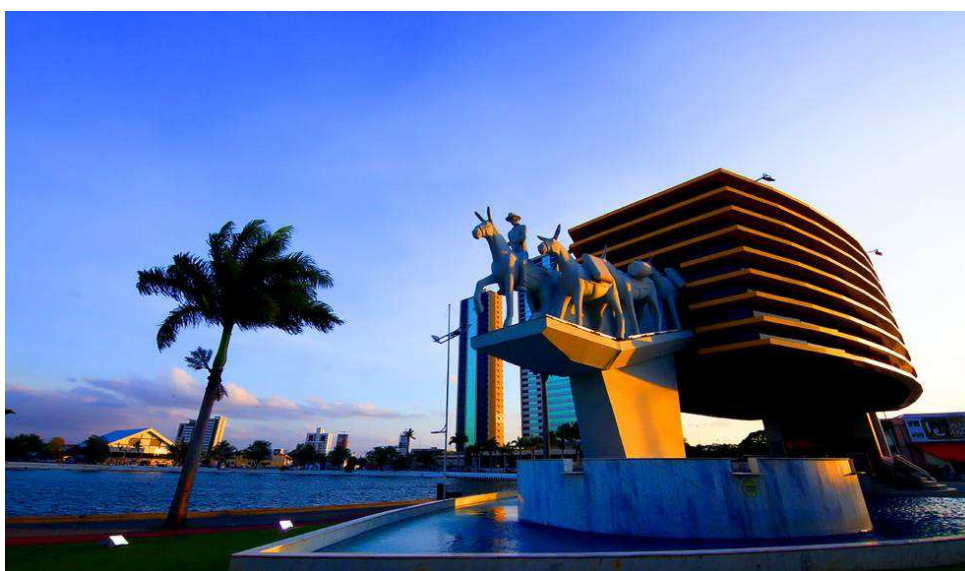
⁶ Link para a reportagem mencionada: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2022/12/13/obra-de-niemeyer-museu-dos-tres-pandeiros-completa-10-anos-de-inauguracao.ghtml>

exposição permanente, são exposições temporárias que duram certo tempo, cerca de seis meses. Cada uma delas dialoga com a finalidade do pandeiro onde fica localizada.”

Quando o visitamos, apresentava diversas pinturas representativas do São João, organizadas através da exposição “Pinceis e Paixão, a arte das mulheres no maior São João do mundo.”, destacando tanto esse crucial elemento da cultura nordestina, que coloca a cidade, atualmente, no destino de um grande número de pessoas, como também ajudando a colocar em foco as diversas artistas que fomentam a cultura desta região. Em outro dos “pandeiros” estavam em exposição diversas peças feitas através da xilogravura, partes da exposição anterior em destaque deste museu “Carcaças, Tempo e Memória”. Por fim, na última das salas, estava a parte dedicada ao cordel, continha livretos deste tradicional meio artístico, os quais os visitantes poderiam ter contato, e ler, além de um vídeo-cordel sobre o museu e sua história, sendo reproduzido em um espaço desta sala.

Seguimos nosso trajeto em direção ao Museu Digital, organizado pelo Serviço Social da Indústria (SESI). Este museu está também localizado as margens do açude velho. É notável que é o único dos museus a aqui serem visitados a cobrarem ingresso, como relatado anteriormente, o valor é de caráter simbólico, e o visitante contribui, desta maneira, com a sua manutenção. É também o mais novo dos museus aqui apresentados, sendo inaugurado em 2018.

Figura 4- Museu Digital.



Fonte: Google Imagens

Assim como o nome sugere, apresenta uma proposta diferente dos demais, trata-se de um museu histórico, mas que busca cumprir sua função social através do meio digital, com nenhuma

“peça” precisamente, mas mergulhando o visitante, através de vídeos e jogos, em diferentes aspectos da “Rainha da Borborema”. Abrange em sua exposição um largo recorte temporal e temático, busca expor Campina Grande desde sua fundação, passando por seus diferentes momentos históricos até a contemporaneidade. Estava presente no museu na ocasião de nossa visita uma monitora, que ajuda no contato dos visitantes com a tecnologia lá exposta, mas sem necessariamente adicionar valor ao material da exposição em si.

A visita pode ser dividida em 3 momentos principais, após a entrada no prédio, na primeira sala há a exposição de um vídeo curto que retrata os tropeiros da Borborema, figura esta que serve como uma espécie de marco fundacional da cidade, apresentando também os diferentes produtos por eles transportados e um pouco das condições as quais faziam suas viagens pelo sertão.

Posteriormente, na segunda, e maior das salas, existem uma variedade de jogos e demais materiais com os quais o visitante pode interagir para melhor conhecer a cidade. Entre eles: jogos, de caráter educativo, como uma espécie de quiz sobre fatos gerais da cidade, mas também de caráter mais voltado ao entretenimento, se relacionando a história ao colocar o visitante-jogador na posição de uma colhedora de algodão. A grande maioria do restante deste espaço é tomado por tablets, que servem como folhetos virtuais com imagens e textos sobre diferentes aspectos da história de Campina Grande, como sua arquitetura, cinema, cultura, economia, entre outros. Há também um espaço com um óculos de realidade virtual através do qual o visitante é inserido em meio a uma quadrilha de São João. Conta também com um “Mapa Digital” que conta um pouco da história de diferentes atrações turísticas desta cidade. Ademais, há um espaço dedicado ao Karaokê, com músicas regionais, e outro tratando da história da medicina neste município, que atua como um centro regional em diversos aspectos, entre eles como um centro hospitalar. Existe uma seção no qual somos apresentados a vídeos de migrantes a campina e sua história, além de uma câmera fotográfica para registrar a visita a este museu.

Por fim, há uma sala com um projetor, que reproduz um vídeo fazendo um tour por diferentes pontos de Campina Grande, servindo de encerramento a visita. É evidente pelo que aqui foi relatado que há muito o que se fazer neste espaço, sendo uma rica opção para turistas e moradores se conectarem a história da cidade que estão visitando ou moram.

Sobre todas as visitas até aqui, é possível de se dizer que no melhor dos casos os museus agem como expoentes da história campinense, ausentando-se de impulsionar debates e valiosas reflexões. Estes espaços fazem essa exposição de diferentes meios, com diferentes níveis de

sucesso em apresentar aos visitantes a história da cidade. É notável também que dos 4 museus aqui apresentados apenas 2 tem caráter notavelmente “histórico”, os museus de artes conectam-se a história da cidade e da região na qual ela está inserida, mas não objetivam, da mesma forma que os museus históricos a educação histórica necessariamente. Ainda assim, é possível através deles conectar-se com sua história através de seu elemento cultural.

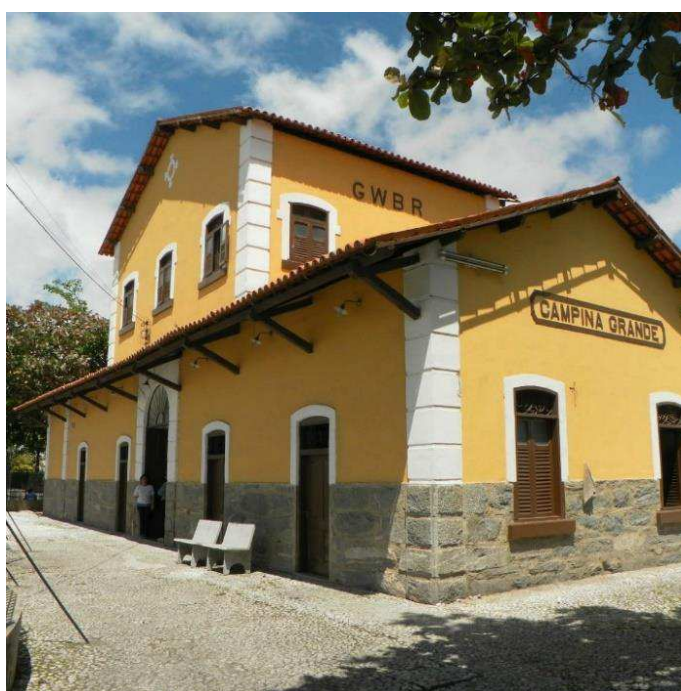
Apesar de perceber-se como ilustrada, uma cidade universitária, um polo educacional e tecnológico, as opções de passeios culturais são poucas e limitadas, e por diversos motivos, não tão bem aproveitadas pela sua população em geral. Em sua dissertação, Costa (2012) apresenta uma Campina Grande “Irreconhecivelmente inteligente” onde as oportunidades para o entretenimento “elegante” estão em expansão, com uma diversidade de opções, mas apresentando uma grande adesão, em especial, pela elite local, mas com grande interesse também pela população geral da cidade. Campina Grande possui museus e teatros, além de um cinema - localizado no principal shopping da cidade-, e conta com um número cada vez menor de livrarias – a principal delas, no referido shopping-. Estes espaços de acesso à cultura apesar de existentes, estão longe de figurar na rotina do campinense médio. O consumo de roteiros “culturais” e “ilustrados” não é incentivado pela sociedade contemporânea, apresentam maior custo financeiro e de tempo para serem consumidas com maior frequência, dificultando seu acesso; consumir estes espaços fica, portanto, em grande medida reservado para turistas e os cidadãos com mais condições financeiras desta cidade.

Acreditamos que com os devidos incentivos estes espaços possam ganhar novos e regulares visitantes, mas para isso deve-se pensar no porque tais espaços estão em primeiro lugar em desuso e reverter tal quadro. Gerar interesse e possibilidades para que o consumo a cultura local, em suas diversas formas, seja uma possibilidade para aqueles que assim desejarem. O entretenimento em suas diversas formas é fundamental para uma boa vida, espaços como os museus podem ter também tal uso, para além de fomentar -idealmente- o pensamento crítico dos visitantes sobre a sua cidade, os conectando a tal local e aprimorando seu pertencimento a este.

CAPITULO 2: O MUSEU DE HISTÓRIA E TECNOLOGIA DO ALGODÃO DE CAMPINA GRANDE, HISTÓRIA E ANALISE MUSEOLÓGICA.

Neste capítulo discutiremos as especificidades do Museu do Algodão em meio aos outros de Campina Grande. Traçaremos a história desta instituição, também serão discutidas as rugosidades espaciais nesta cidade, e como elas afetam a experiência de visitação a este museu, buscando situar o leitor nas discussões apresentadas neste museu e por fim, faremos uma breve analise de discutir como esta instituição retrata em sua exposição a história de Campina Grande.

Figura 5- Museu De História e Tecnologia do Algodão de Campina Grande



Fonte: TripAdvisor

2.1. A História Do Museu De História E Tecnologia Do Algodão De Campina Grande.

O transporte ferroviário encontrava-se em declínio já há algum tempo em 1973, quando o prédio da Estação Velha de Campina Grande passa a abrigar o Museu do Algodão, tendo sido gradativamente substituído pelo meio rodoviário, sendo nas décadas de 50 e principalmente em 60 feitos grandes esforç s nessa direção, de trazer o “novo” moderno, o automóvel, de maneira ampla ao Brasil. Quando enfim houve a criação do dito museu, o prédio já não mais funcionava como estação ferroviária, estando então abandonada e com planos ser demolido.

Desde 1961, ano no qual foi inaugurada a estação nova, que atualmente encontra-se abandonada, a Estação Velha não era mais a principal estação ferroviária da cidade, perdendo participação no trânsito de passageiros na ocasião da construção da Estação Nova, sendo com o tempo, abandonada.

Encontramos no Jornal da Paraíba em diversos momentos do ano de 1972 discussões acerca deste prédio, em sua maioria clamando ao poder público -em especial a prefeitura do município- que faça esforços para preservar o prédio da antiga estação da iminente demolição, e torne este espaço novamente útil para os cidadãos da cidade, através da criação de um museu no local, citando como incentivo para tal, a necessidade por “cultura” sentida pela cidade, que já estava estabelecendo-se como uma cidade universitária de importância regional mas que ainda carecia nesse sentido, afirmam que: “Cultura no verdadeiro sentido da palavra, Campina Grande ainda não tem e isso porque só com muito tempo, após uma longa sedimentação é que ela aparece.”⁷. Ademais, apontam a possível fomentação do turismo na cidade, que ainda não contava com expressividade no setor, visto que os esforços em relação a criação do atual São João ocorreriam apenas nas décadas seguintes.

O plano original das sugestões da edição do jornal era que fosse criado na cidade um museu mais diretamente relacionado ao trem, mas já existindo o Museu do Trem na cidade de Recife -que aliás consta com a primeira locomotiva a chegar em Campina Grande- sugere-se o algodão como norteador deste espaço cultural, “Algodão é Símbolo” afirma o título de uma reportagem deste periódico. Nas páginas deste jornal, estão também expostos o sentimento de seus redatores e, relação ao desconhecimento da população como um todo da história de sua cidade, mostrando uma preocupação explicitamente no tocante ao algodão, e alguns “grandes homens” entre eles os prefeitos Cristiano Lauritzen e Vergniaud Wanderlei, tornados “grandes” por trazer o trem e modernizar a paisagem urbana da cidade, respectivamente.

É evidenciado através do jornal uma necessidade de superação de Campina Grande em relação a seu passado, mais especificamente a sua reforma urbana. É apontado que a indiferença da “prefeitura, classes empresariais e campinenses em altas posições” em relação aos velhos prédios da cidade não pode continuar para que a “cultura” seja fomentada na cidade, “coisas antigas são preservadas nas cidades de sólida cultura” afirma outra edição deste jornal. Os impulsos já não tão novos de tornar Campina Grande uma cidade “moderna” e “de cultura” se fazem notáveis nesta discussão, através das páginas deste jornal, os “homens cultos” da cidade buscam avançar a civilidade na cidade, através de um museu sobre o algodão, material que através de diversos processos histórico-sociais, ampliou o acesso das elites locais ao que então era moderno e denotador de civilidade.

⁷ Fonte: Jornal da Paraíba, edição de 12 de fevereiro de 1972.

Conversando com os monitores desta instituição, em especial dona Maria José, funcionária da prefeitura há mais de 30 anos, e que trabalha no museu desde sua reabertura, fomos informados que a atual exibição está lá posta e organizada essencialmente desde o princípio, sofrendo poucas alterações, sendo notável a abertura de uma sala para abrigar peças relacionadas ao algodão colorido, em 2003, e a saída do roteiro de visita o 1º andar desse prédio, que por diversas questões, entre elas a insegurança de se subir as escadas deste prédio, em especial com turmas de crianças e jovens. Neste espaço, que com a ajuda da referida monitora e da coordenadora do museu conseguimos visitar, estavam algumas peças que antes compunham a exposição, sem elas, a narrativa posta pelo museu em seu percurso permaneceu o mesmo, embora levemente menor.

Mesmo após as movimentações em torno de sua inauguração o Museu do Algodão não parece ter conseguido permanecer aberto por tanto tempo assim, na década seguinte, em 1985, foi abandonado, sendo as máquinas que habitavam seu interior devolvidas para a EMBRAPA, ou repassados para o já então existente Museu Histórico da cidade. Após seu fechamento, ficou abandonado por 4 anos, até que em 1989 recebe o Museu do São João, que abrigava parte da história em torno desta festa, que embora não tivesse ainda o potencial turístico-econômico que atualmente possui, já tinha posição consolidada na cultura popular campinense. O Museu do São João também deixou de funcionar, no ano de 1994, e o prédio novamente ficou fechado, até passar por uma reforma, em 2001, e então novamente voltou a abrigar o atual Museu de História e Tecnologia do Algodão.

Com a criação do MACG a cidade ganha um museu de História, um local onde a cultura local poderia ser preservada e transmitida, as preocupações que se faziam presentes nos momentos anteriores a sua instalação ainda hoje parecem nortear a atuação desta instituição. Por algum tempo, de acordo com nossas pesquisas, a presença do museu estimulou atrações histórico culturais nas áreas próximas a antiga estação ferroviária, a exemplo do “Restaurante Turístico Estação Velha”, com publicidades desde 1978 e o trem do forró, que atuou entre Campina Grande e Galante em algumas datas no mês de junho entre 1997 e 2019, percorrendo 18 quilômetros com capacidade de até 1000 passageiros, atualmente, resta na localidade apenas o Museu do Algodão, estando o galpão onde antes operava o citado restaurante sem uso aparente, e os trilhos referentes ao trajeto do trem do forró encontram-se em péssimo estado, com trechos ausentes, devido ao furto, e com edificações feitas próximas demais aos trilhos em outras localidades.

O MACG opera similarmente aos outros espaços deste tipo na cidade, especialmente a aqueles também operados pela prefeitura municipal, sofrem com a diminuição em seu horário de

funcionamento nas recentes gestões, não operando nos finais de semana e feriados, e apenas no horário da manhã no restante dos dias. Este nem sempre foi o caso, ao menos o Museu do Algodão, costumava funcionar de maneira quase que constante, conseguindo atrair mais visitantes para seu interior como consequência. Nos foi narrado pela monitora que já houve casos de escolas chegarem para visitação e se surpreenderem com os portões fechados, fato este que também ocorreu com o autor deste trabalho no início de sua pesquisa.

2.2. As Rugosidades Espaciais nos arredores do Museu do Algodão.

Como já previamente citado, o MACG está localizado próximo ao Açude Velho, antigo manancial e atual cartão postal da cidade, em uma região que é ocupada atualmente pelo comércio, escritórios e grandes prédios residenciais, sendo, atualmente, uma espécie de área nobre da cidade. A Estação Velha, assim como seus arredores, foi originalmente colocada no que era então a periferia da cidade, sendo esta localidade foi ocupada inicialmente por edificações ligadas ao armazenamento e beneficiamento do algodão, com estruturas que permanecem até o presente e que se encontram em diferentes estados de utilização, algumas, foram adaptadas para outros usos encontram-se “viúvas” como diz Farias (2017) de seus usos originários, outras, em desuso, por diversos motivos, abandonadas ou demolidas, dando lugar a outras edificações.

O citado museu já ocupou posição mais central na vida cotidiana dos campinenses que na contemporaneidade, quer como estação de trem, ou como ponto de embarque para o trem do forró, atualmente, está inserido, junto com os demais museus da cidade, embora com suas próprias características, no contexto da vida turística-cultural campinense, isto é, com um pico em suas visitas em meio as festas juninas e com menor quantidade de visitantes nos demais momentos do ano. Deve-se deixar claro, todavia, que é um espaço cotidianamente frequentado, assim o sendo por escolas em passeios educativos, demais estudantes da história da cidade e por curiosos sobre a locomotiva a vapor exposta em sua área externa, já ocorrendo de encontrar com demais visitantes na ocasião de irmos a este espaço.

Encontra-se menos inserido da vida desta cidade que aqueles localizados nas margens do açude velho, como o Museu Popular e o Museu Digital, com uma variedade de comércio aos arredores, além de turistas e moradores constantemente visitando as redondezas, encontra-se escondido da vista para o cartão postal da cidade pelos prédios que o cercam, também o estando daqueles que transitam brevemente pelo local, diminuindo sua acessibilidade espontânea, que também é prejudicada pelo seu reduzido horário de funcionamento. Ir ao museu, por estes fatos,

não é parte dos impulsos de uma visita a vizinhança desta instituição, em meio a uma ida ao Carrefour, situado próximo, ou ao fazer um passeio pelo açude velho.

Na figura 6 estão retratados os arredores do MACG, sendo notável sua proximidade a áreas altamente ativas da cidade, a exemplo do já citado supermercado, dos prédios em sua redondeza, a exemplo do ‘Empresarial Mundo Plaza’ e o SESC, na figura também é possível perceber parte dos citados galpões, no canto inferior esquerdo da imagem, sendo notável a falta de uso da maioria destes lugares.

Figura 6- Print do Google Maps, mostrando o MACG e seus arredores



Fonte: Google Maps.⁸

Os arredores do atual museu não são mais ligados ao tipo de atividade para o qual foram originalmente pensadas e a elas atribuída, seus galpões não mais armazenam algodão, a antiga estação não mais recebe locomotivas, não é mais ponto movimentado, com constate embarque/desembarque de passageiros e cargas, as antigas fábricas encontram-se desativadas, a região encontra-se destituída do caráter industrial que a deu sentido. Apesar disso, não se trata de uma área “morta”, sem uso dentro da malha urbana campinense, foi transformada pelo tempo e encontra-se inserida dentro da atual configuração da cidade, embora não mais ocupando nela um papel tão central como em outrora.

“As paisagens exibem formas do tempo presente, mas também trazem em si formas herdadas de tempos passados. Sendo assim, é através da paisagem que o tempo ganha forma e chega até a nós, revelando-nos fatos de nossa história. (...) Tais formas arquitetônicas herdadas do passado serão denominadas neste artigo de “rugosidades

espaciais” (SANTOS, 1997), ou seja, são formas produzidas no passado para abrigar outras funções (no caso específico de Campina Grande, a produção algodoeira ou de atividades que se dinamizaram em função dela), mas que se mantêm no espaço/tempo presente, abrigando outras funções, não aquelas para as quais foram criadas.” Farias, 2019. P.23

Tal tipo de resquício do passado na materialidade da cidade, conforme o autor citado, podem ser denominados de rugosidades espaciais, e ao observar as partes de Campina Grande edificadas durante o período áureo do algodão há uma abundância de tais espaços. Podemos citar como tal a própria estação ferroviária velha, sendo ela ao ter perdido importância em sua função original sido transformada em Museu Histórico referente a tal uso original, outro exemplo, no qual há menos uma linha direta entre passado e presente é o atual prédio do Carrefour -que por sua vez ocupa o prédio do antigo hiper Bompreço- no qual durante o período áureo do algodão na cidade funcionou a SANBRA (Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro), há ainda o caso dos galpões, que foram em alguma medida tornados comércios de variados tipos. Outros espaços, como é o caso de parte dos já citados galpões, ou ainda da estação ferroviária nova, que igualmente encontra-se sem uso.

Do mesmo modo que há com a desmobilização da economia campinense em volta do algodão o aproveitamento dos conjuntos arquitetônicos deste período, há também uma grande quantidade de outros edifícios encontram-se fora de uso. Outros resquícios, estes ainda menos aparentes, são aqueles derivados deste momento de acelerado crescimento, como o acervo arquitetônico do centro da cidade, feito em *Art. Decô*. As ruas de seu centro histórico também foram transformadas pelo progresso algodoeiro, ao terem suas trajetórias retificadas e modernos prédios nelas construídos, a presença da FIEPB e da EMBRAPA em uma cidade no interior nordestino também são exemplos de resquícios deste momento histórico de progresso econômico o qual parte da cidade tanto se orgulha, sendo assim um ponto na construção de sua identidade. Sendo este momento de progresso apresentado e narrado no Museu do Algodão, ao Ouro Branco é atribuída uma posição central no *mythos* da cidade, talvez não de sua origem, mas a partir de onde uma majoritária parte da grandeza de Campina Grande é traçada.

Não é típico -infelizmente- a preservação do patrimônio histórico, não só em Campina Grande, mas de maneira mais geral, no Brasil, a mera resistência aos processos históricos e sua permanência na cartografia urbana campinense como “rugosidades espaciais” não denota necessariamente o interesse público na preservação da herança histórica da cidade, ainda que haja preservação, ela não é tão habitual quando deveria, prédios como o Grande Hotel, prédio que foi no momento de sua construção uma espécie exemplar da modernização planejada e em parte trazida por Wanderlei, e que atualmente abriga algumas secretárias da Prefeitura Municipal

encontra-se em estado de crítico, com grave falta de manutenção, estando adornado por pizações e uma rede de proteção, além do caso de vários outros prédios, a exemplo do El Dorado, que encontram-se em ruínas.

2.3. Descrição Museológica do MACG

2.3.1. Experiência de visita ao Museu de História e Tecnologia do Algodão

Acompanhando o visitante na visita estão disponíveis monitores, sendo a presença de tal profissional um diferencial de outros museus da cidade, e tornam a visita mais rica, enriquecendo demasiadamente o que poderia ser uma experiência de visita de menor impacto educacional. Problemas um tanto gerais, como a falta de identificação com placas das peças em exibição foram parcialmente mitigados pela presença do monitor, que conseguiram suprir as dúvidas que surgiam com base em seu conhecimento próprio, visto que no caso da responsável por nos atender, trabalha a longa data no museu e é interessada em pesquisar a história do que lá está exposto, além de ter vivenciado a Campina Grande retratada nas fotografias lá colocadas.

Conversando com a equipe desta instituição, fomos informados que não há necessariamente um trabalho por parte da Secretaria de Cultura de educar historicamente seus monitores, sendo sua instrução baseada em um roteiro e com estudos particulares para suprir as deficiências percebidas por eles próprios. Ao tomar conhecimento desta informação parte do que havíamos percebido passou a fazer mais sentido, há uma disparidade na exposição realizada por diferentes monitores, com a maioria se atendo ao roteiro e as informações expostas pelo museu e pecando em adicionar na exposição algo para além do que já pode ser lido ou interpretado pelas peças em exposição.

A Experiência de visita passa por diferentes recortes temáticos, estando eles distribuídos pelo corpo da antiga estação ferroviária, sem cortes entre elas por paredes ou portas, o trânsito pelo museu é livre. Com base em nossa visita, sugerimos 6 subdivisões ao museu, o primeiro espaço que se depara o visitante é -logicamente- a entrada, na qual está exposto um busto de Izaias de Souza do Ó, um campinense que se encontrava entre o grupo de barões, ou coronéis, do algodão, sobre quem não encontramos muitas informações, além de sua prole. Entre a qual está Edvaldo do Ó⁹, personagem da história de Campina grande a quem muito é atribuído.

⁹ “Edvaldo de Souza do Ó, foi figura importantíssima da história campinense, paraibana e nordestina. Professor, economista, empresário, desportista e, acima de tudo, visionário, seu nome está fortemente relacionado ao

A família destas pessoa é um das que compõe o “panteão” das tradicionais famílias de Campina Grande, não é incomum encontrar em uma exposição de museus ou em praça pública um busto de figura como esta. Todavia, embora também ocorrência comum, a falta de identificação adequada, com o devido intuito pedagógico por trás da manutenção de uma peça na feição de tal figura como esta que está posta na entrada de um museu histórico. Sendo necessario para construirmos tal conhecimento a ajuda da referida monitora e empreender pesquisa sobre processo que é natural para um historiador, mas que o é menos para o visitante médio desta instituição. Seria mais produtivo, ao pensarmos no conceito de “Alma dos objetos” apresentado por Espinoza (2019), um esforço de conectar o que está sendo exposto em um museu, com o visitante, buscando tornar o objeto maior que sua materialidade.

Não sugerimos que um passeio por este museu se torne um bombardeio de informações, que as vezes não contribuem tanto para a construção da narrativa proposta pela instituição, mas que haja esforço por parte desta para que a curiosidade dos visitantes seja saciada ao visitar o museu, é necessario entender o museu como um espaço educativo, e a educação patrimonial como real possibilidade, e não restringindo-o a meramente guardar peças de um passado histórico com informações pré-fabricadas para serem regurgitadas nos visitantes, entre eles estudantes de diversas escolas da região. Sugerimos criar possibilidades, constantes, reproduzíveis, da produção de conhecimento, com mudanças no modo de instrução da equipe que compõe o museu para tal, mas também de sua lógica de visitação e apresentação ao conhecimento histórico.

2.3.2. Uma visita ao Museu

No início do percurso pelo museu está a citada escultura, na sala ao lado, estão algumas fotos e posters informativos sobre Cristiano Lauritzen, além de peças referentes ao antigo uso do atual museu, como estação ferroviária, estando em exposição peças como lamparinas e uma sinaleira de trem, além de uma máquina utilizada para trincar os bilhetes, pensamos neste espaço como um dedicado a antiga estação ferroviária, contando com peças referentes ao prefeito sob

desenvolvimento de Campina Grande. Tendo exercido inúmeros cargos nas administrações municipal e estadual, foi ainda professor fundador da hoje Universidade Federal de Campina Grande, organizador da Empresa de Saneamento de Campina Grande - SANESA, coordenador da transformação da autarquia DASEC em Companhia de Eletricidade da Borborema - CELB, criador da Sociedade de Economia Mista Telecomunicações de Campina Grande - TELINGRA, criador e coordenador do Museu de Artes Assis Chateaubriand, que guarda um rico acervo de obras de pintores e escultores nacionais, criador da Fundação Universidade Regional do Nordeste - FURNE e fundador da Universidade Regional do Nordeste, hoje Universidade Estadual da Paraíba – UPEB. Texto recortado de: <http://dilectante.blogspot.com/2011/05/isaias-de-souza-do-o-e-seu-nucleo.html>. Acesso em 29/10/2024.

qual gestão foi construída e inaugurada, a um barão do algodão, grupo sob qual demanda foi feita tal instalação, e artefatos da propia estação ferroviária.

Figura 7- Local dedicado a memória de Cristiano Lauritzen.



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 8- Local Dedicado a memória da antiga estação ferroviária.



Fonte: Acervo Pessoal

Na figura 7, além de uma pintura do referido prefeito e uma foto de sua família, estão também um recorte de um jornal¹⁰, retratando o percurso do trem que chegaria à Campina Grande e sua recepção nas cidades que passou, há também um texto, de autoria não identificada, que informa o visitante sobre os acontecimentos relativos a este evento. Na figura 8, estão expostas uma lanterna e uma sinaleira, além da máquina que trincava os bilhetes dos viajantes, e também um retrato¹¹ da estação ferroviária cheia de gente, supostamente esperando a chegada do trem para embarcar, não há demais informações sobre esta imagem em texto pelo museu.

O segundo espaço retrata uma sala de estar de uma hipotética família campinense, a qual suponhamos que seja membra da classe alta da cidade. Há neste espaço peças de mobília típicas, mas também objetos trazidos pela modernização da cidade -e mais diretamente, pelo trem- a exemplo da vitrola, rádio e telefone, além de 2 conjuntos de louças inglesas. Este espaço imaginamos que tenha sido pensado para representar os bens de uso pessoal/familiar proporcionados pela modernização advinda do ouro branco, mostrando as bonanças mais cotidianas de se estar vivendo em meio a tal período.

¹⁰ Este recorte em questão foi transcrito e está disponível no blog Retalhos Históricos de Campina Grande, disponível em: <http://cgretalhos.blogspot.com/2009/10/facsimile-da-reportagem-da-chegada-do.html>

¹¹ Fotografia ampliada disponível como Figura 12.

Figura 9- Espaço retratando uma sala de estar de uma família abastada financeiramente.



Fonte: Acervo Pessoal

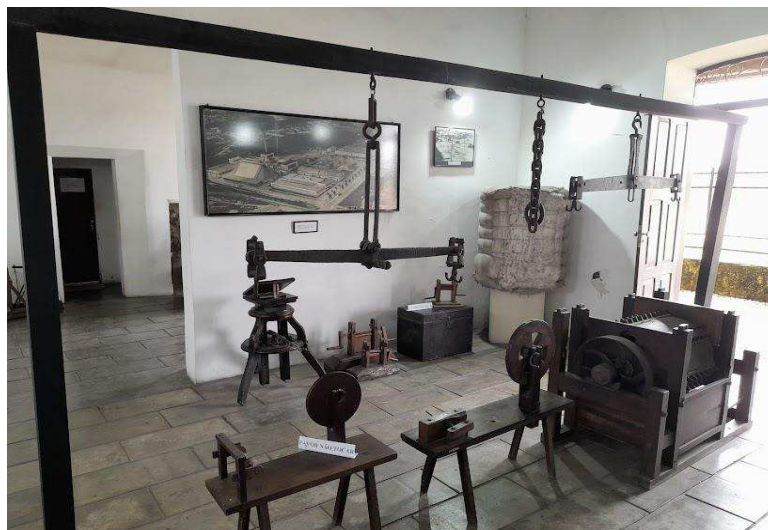
Na sala seguinte, estão postas algumas máquinas situadas no processo de beneficiamento do algodão, dispostas em uma espécie de linha cronológica, com as mais rudimentares a princípio e posteriormente as mais modernas, nesta secção está também colocada uma prensa gráfica. Através da experiência de visitação, acreditamos que esta organiza o busque retratar a história da indústria algodoeira no geral, mostrando uma evolu o dos meios de beneficiamento desta matéria prima, além do maquinário e conta com algumas fotografias, entre elas a figura 19 contribuindo para a interpreta o do aspecto industrial da história de Campina Grande.

Figura 10- Tecnologia Rudimentar Algodoeira.



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 11- Maquinário Algodoeiro Moderno.



Fonte: Acervo Pessoal

A próxima sala do trajeto museal é referente ao algodão colorido, que surgiu em meados da década de 80 como uma tentativa capitaneada pela EMBRAPA para dar nova vida a cotonicultura nordestina. Através da figura 12 é possível ver algumas peças feitas com tal material, e com diferentes tonalidades dele expostas em quadros, ainda é possível ao visitante tocar esta matéria prima.

Figura 12- Algodão Colorido e diferentes tecidos com ele produzidos.



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 13- Máquinas utilizadas “atualmente” no processo de beneficiamento do algodão.



Fonte: Acervo Pessoal

No lado esquerdo desta sala, que está apresentado na figura 13, estão expostas as máquinas “atuais” utilizadas para cumprir as funções referentes ao beneficiamento do algodão, notavelmente a análise da qualidade deste produto, sendo elas notavelmente menor que as suas predecessoras, há também a imagem de um campo desta variedade da referida malvácea. Na fala da monitora que nos acompanhou foi fortemente pontuado o caráter mais ecológico deste

material em relação aos tecidos que exigem tintura para serem tingidos, já que são mais duráveis e degradam menos o meio ambiente com químicos poluentes.

A próxima parada na visitação está localizada na área externa do museu, como já citado anteriormente, o museu conta em seu acervo com uma locomotiva a vapor, uma “Maria Fumaça” como é carinhosamente chamada. Se trata de um maquinário de 1922, 15 anos após a inauguração da estação, esta peça veio da Filadelfia, ambas informações estão gravadas em seu metal. Está abrigada em uma pequena estrutura, buscando preservá-la dos diversos fatores climáticos. Considerando a história deste prédio que abriga o MACG, além da história de Campina Grande, o trem é um símbolo com grande importância simbólica, sendo responsável por trazer os migrantes para a cidade no começo do século XX, além de transportar mercadorias entre Campina, João Pessoa e Recife, conectando esta cidade ao restante do globo, e possibilitando a seus habitantes a acessarem novos elementos materiais e culturais deste.

Figura 14- Locomotiva a Vapor.



Fonte: Acervo Pessoal

Embora não seja uma parte típica da experiência de visitação ao museu reparar em sua fachada, no caso deste acreditamos que seja algo de certa importância, visto a importância deste prédio para o tema que o museu nele situado busca narrar sobre. O prédio, como já dito previamente, foi construído em 1907 para receber a estação ferroviária na cidade de Campina Grande, prédios como este podem ser vistos em outras cidades do interior paraibano, como Galante e Itabaiana. Além de ter tido função no transporte de carga e pessoas por 57 anos, teve como uso o de um museu pelos últimos 51 anos -com períodos de não-funcionamento durante

esta duração-. Já passou também por períodos de abandono, seja da operadora da estação, em virtude da construção da Estação Nova, ou do poder público, quando já era um museu. Está, contudo, bem preservado, sem apresentar nenhuma demanda de caráter estrutural.

Figura 15-Estação Ferroviária de Campina Grande



Fonte: MACG

Figura 16- Museu do Algodão de Campina Grande visto pelo lado da ferrovia.



Fonte: Acervo Pessoal.

Cumprindo o papel de museu histórico, propomos que o prédio em si seja considerado como parte do acervo do “Museu do Algodão”, estando intimamente relacionado a tal ciclo econômico. Ao comparar as figuras 15 e 16 é possível observar que o prédio em si permanece o mesmo, tendo sido preservado do tempo pela sua transformação em museu e posterior tombamento, o mesmo não pode ser dito de sua vizinhança, o que antes era campo aberto, hoje é ocupado por grandes prédios de concreto, a periferia da velha campina hoje é uma de suas áreas centrais.

2.3.3. A Visualidade dentro do museu

Entre as peças em exibição neste museu estão as fotografias, retratando diferentes pontos de Campina Grande em seu passado áureo. As fotos em geral gravitam em torno de duas temáticas, a cidade entre as décadas de 20 e 50 e as condições da produção do algodão, sendo estas temáticas em alguns momentos sobrepostas, por exemplo nas figuras 17 e 18. Tratando desta temática trabalhou também Cabral Filho (2014), através de 4 fotografias, alguma das quais não encontramos em exposição no momento inicial de nossa visita, mas depois fomos informados que se encontrava no 1º andar da instituição.

Figura 17- Personalidades campinenses na antiga estação ferroviária de Campina Grande ¹²



Fonte: MACG

Um ponto notado por este autor ao tratar destas fotografias, e que sentimos a necessidade de reiterar é o caráter ascético das imagens postas em exibição, quando aparecem as camadas populares da cidade nas fotografias as fazem como “estranhos”, no papel da louca ou do pedinte, como expos o referido autor ao se referir a figura 17 Em outras fotografias os trabalhadores, posando junto a seus patrões expondo as conquistas de suas empresas, seja da exportação do fardo nº 50.000, como na figura 18. O povo campinense, e os trabalhadores das diversas fabricas do processo produtivo algodoeiro aparecem quase que como consequência do registro fotográfico, parte da paisagem.

¹² Legenda presente na exposição junto a foto: “Personalidades campinenses, entre os quais senhores de algodão embarcando de trem para Recife, na antiga estação ferroviária de Campina Grande (Estação Velha, em dezembro de 1948). Da esquerda para a direita, aparece em terceiro plano o jornalista e historiador William Tejo.”

Sobre a foto acima, nos informa Cabral (2013) que:

“Vejam os que, num esforço para promover uma improvável assepsia retórica na própria fotografia, a legenda a distorce: menciona apenas as personalidades locais. Uma rápida olhadela às marcantes diferenças entre os homens, as mulheres e as crianças eternizadas nesta imagem nos fará compreender que a Estação Great Railway Brazil de Campina Grande não pertencia apenas a sua elite, ela foi um ambiente que abrigou vivências múltiplas que historicamente se entrelaçaram nesse ambiente projetado para a efetivação do transporte em massa de homens e mercadorias.” Cabral (2013). P. 10.

Essa característica pode ser compreendida ao considerarmos as circunstâncias nas quais estas fotografias foram produzidas, ao considerarmos o maior custo financeiro de fotografar no passado em comparação ao presente esta situação começa a ser explicada, os fotógrafos responsáveis pelas fotos foram contratados por alguém e por algum motivo, devido ao conteúdo das fotos podemos assumir que seja por algum membro da elite local, e com o interesse em retratar o beneficiamento do algodão, em especial o grau de modernização em que encontrava-se tal atividade econômica em Campina Grande. Para tais objetivos, os trabalhadores não são vistos com tendo papel expressivo, servem como figurantes, operadores dos protagonistas, as máquinas e também a grandeza de Campina enquanto praça algodoeira.

Figura 18- Fardo nº 50.000 exportado por Campina Grande

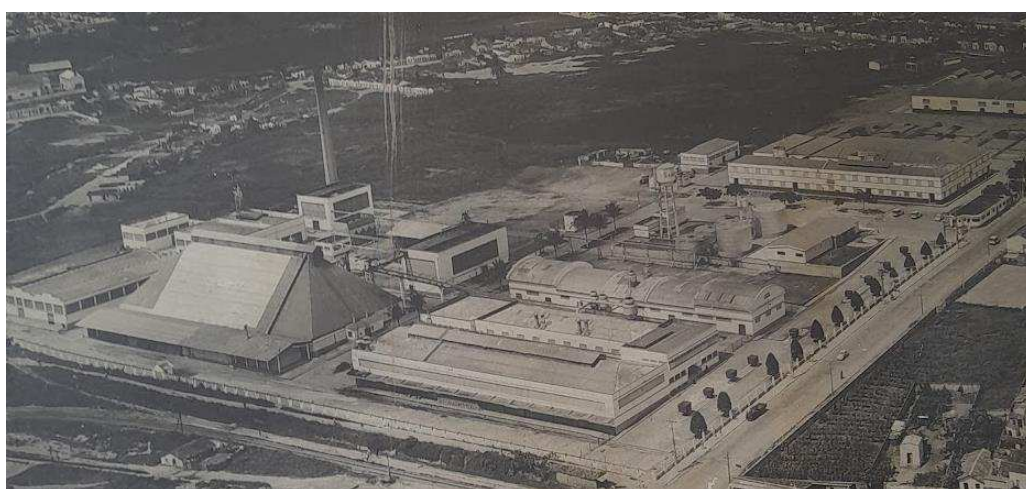


Fonte: Cabral Filho (2014)

No decorrer do percurso passamos por algumas fotografias, tendo como suposto objetivo de ilustração, principalmente da modernidade e grandeza a qual o algodão proporcionou a cidade de Campina Grande. Buscando discutir, ao menos brevemente, o que está sendo nelas ilustrado, e possíveis motivações para tal, buscaremos apresentar alguma das fotos lá situadas.

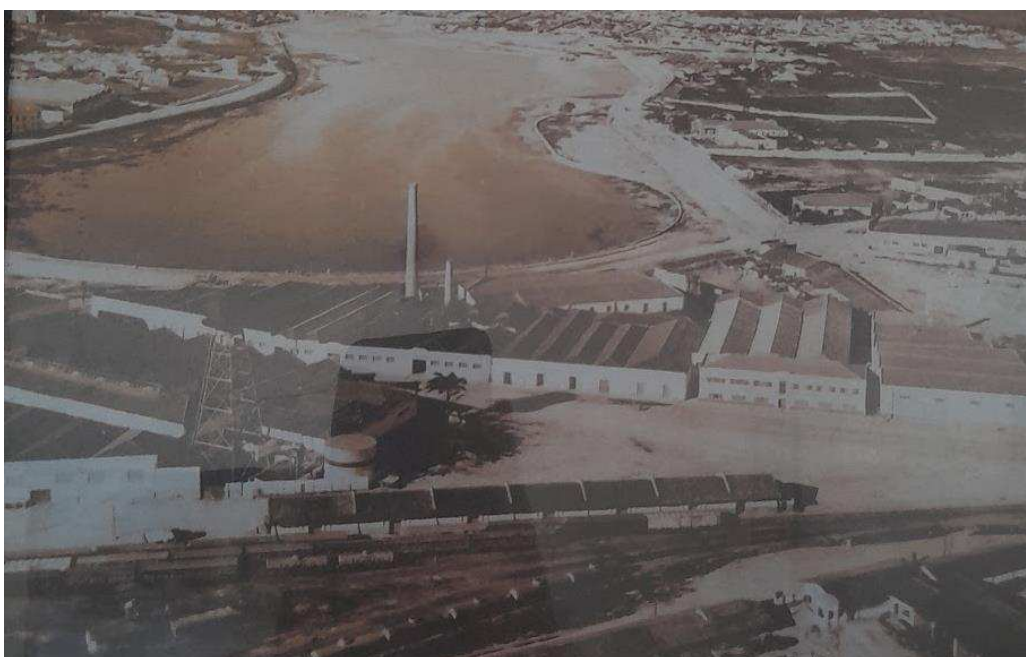
A figura 19, está exposta na sessão que trata do maquinário moderno do beneficiamento do algodão, e se trata da SANBRA nova, que se instalou na cidade em meados da década de 50. A fotografia ilustra o local no qual aquelas máquinas estavam instaladas e funcionando, a partir dela é possível também perceber a magnitude desse empreendimento, podendo-se presumir que não mais se tratavam de pequenas fábricas de beneficiamentos, mas de grandes indústrias, como de fato já o era. Neste espaço, também estão expostas outras fotografias de outros empreendimentos industriais. Ficando ainda mais evidente a questão de escala da SANBRA nova, evidenciando seu grande porte, ao compararmos a outras indústrias de seu período.

Figura 19- SANBRA nova, no bairro da Liberdade.



Fonte: MACG

Figura 20- SANBRA Velha, meados da década de 60



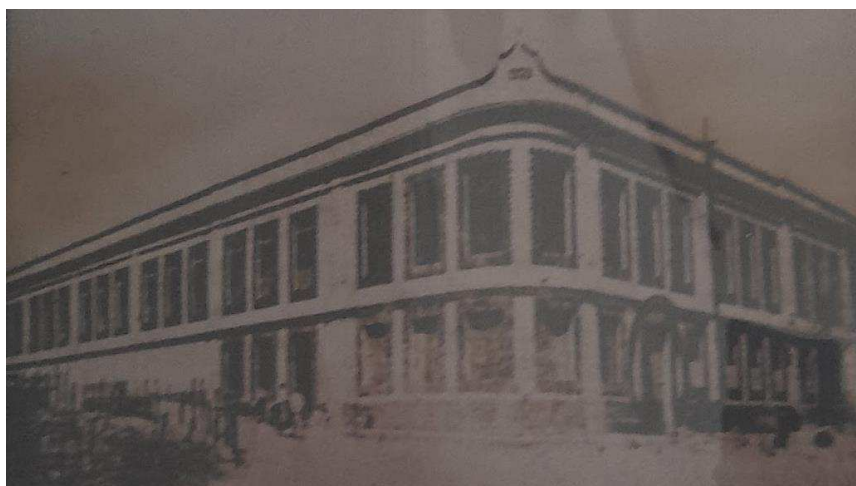
Fonte: MACG

Para além de fotografias da SANBRA, há também de outras empresas, de diversos períodos, possibilitando uma ideia de crescimento e evolução da cidade no tocante a seu processo de industrialização. Essas indústrias estavam relacionadas de uma maneira ou outra também com o algodão, a exemplo da figura 21, que mostra uma fábrica de sacos, feita com o algodão, e servindo entre outras coisas, para auxiliar no transporte desta matéria prima.

Diferentemente do que acontece no Museu Histórico e Geográfico de Campina Grande, as fotografias aqui, assim como o próprio MACG, têm o claro objetivo de retratar apenas o tocante ao algodão, o que é de fato bastante, mas não a totalidade da vida urbana na cidade, especialmente na segunda metade do século XX. Sobre a vida cotidiana pouco aqui há, as fotografias, assim como seu acervo no geral buscam retratar a posição histórica de Campina no relacionado ao ouro branco. Escolhemos aqui apresentar um pequeno recorte das fotografias lá expostas, mostrando não a totalidade, mas buscando elucidar os temas que o museu busca abordar através destas imagens.

Além de fotografias estão expostas também outras peças que não as de cal e pedra, a exemplo de algumas placas, algumas com curtos textos educativos, além de poemas e canções, retratando também os sentimentos de diversos campinenses em relação aos símbolos evocados neste museu, o trem e o algodão.

Figura 21- Comércio e Industria Marques de Almeida Sá



Fonte: MACG

2.3.5. *Analisando a narrativa histórica no Museu do Algodão.*

Em seu acervo é possível identificar uma série de escolhas, que podem ser melhor entendidas ao se explicitar as circunstâncias nas quais foram criadas esta instituição, os grupos envolvidos em tal processo e seus possíveis objetivos. O Museu de História e Tecnologia do

Algodão, mais conhecido apenas por “Museu do Algodão” existe com o intuito de preservar a memória do ciclo do algodão em Campina Grande, é gerenciado pela prefeitura municipal, que por frequência esteve sob domínio da elite econômica da cidade, descendente daquela que teve aumento em seu prestígio com a ascensão de Campina como um polo regional, em grande medida graças ao algodão e a posição que ocupava como ponta de trilho e posteriormente como nó rodoviário. Além do interesse pessoal desta classe, é importante notar o movimento em torno da criação de uma história da cidade a partir da desse grupo dominante, sendo assim, a preservação de tal narrativa histórica de interesse também do estado em sua representação local, através da prefeitura municipal.

Não nos parece coincidência que ao analisarmos as peças postas em exibição neste museu que a narrativa adotada por este seja a desse grupo dominante, omitindo em grande medida a vida da população comum. Através deste museu os visitantes podem entrar em contato com uma narrativa histórica sobre Campina Grande onde aparecem “Grandes Homens” como facilitadores do trem e da industrialização na cidade, e diversas peças de maquinário, dando a impressão de falta de agência do enorme contingente de trabalhadores neste empreendimento. Com as fotografias vemos sua existência, mas nelas não são mostradas tensões, apenas sua participação, junto a seus patrões, nas conquistas de suas empresas.

O Museu do Algodão de Campina Grande evoca estes símbolos, o algodão, a classe empresarial, o maquinário, o progresso, e os propõem como temas centrais para a própria cidade, perceptível pelas escolhas de montagem e conseqüente exibição de seu acervo. É imprescindível entendermos este local como um local de memória, como propõe Nora (1984), ele o é, assim como tantos outros espaços, construído por determinados sujeitos e com intenções por trás de sua manutenção. O MACG surge como lugar de memória em 1973, momento no qual a cidade, e o Brasil, vivia uma ditadura empresarial-militar, por ter sido pensado neste momento histórico ele traz, evidentemente, intencionalidades deste período, entre as quais, a noção que a classe empresarial campinense possibilitou a grandeza da cidade, trazendo a ela progresso.

Em torno da preservação histórica existem vários interesses, neste processo estão presentes uma série de narrativas em disputa, que encontram na preservação uma possibilidade obter legitimidade perante a sociedade. Buscamos compreender estas disputas, mesmo que de maneira limitada, em meio a sua presença nos museus da Cidade de Campina Grande.

O Algodão é o fio condutor no decorrer da visita, sendo isso já de se esperar, visto que é um recorte proposital feito pela organização deste museu. Através desta matéria prima somos

apresentados a um momento de dominação econômica de Campina Grande sob outras cidades da região, atingindo índices econômicos e demográficos maiores que a própria capital do estado. É reiterada a narrativa de um passado grandioso sob qual passou a cidade neste suposto áureo período, sem proporcionar debates sobre como essas mudanças afetaram a vida dos campinenses contemporâneos delas, em especial no tocante a transformação urbanística pela qual passou a cidade e a instauração de multinacionais em detrimento das empresas de menor porte que antes eram a norma. A cidade progride em direção ao moderno, deixando para trás sua feição colonial para transformar-se numa pseudo-metrópole, atraindo para si as contradições típicas desta nova etapa de desenvolvimento capitalista. A cidade fez-se grande em benefício de uns e detrimento de uma maioria, sendo esta quase expulsa deste lugar de memória.

Há, assim, uma evidente limitação na ativação da alma dos objetos dentro a proposta do MACG. Dentro dos museus visitados, este é o que tem menos artefatos de uso cotidiano, apresenta em seu acerto majoritariamente máquinas, retrata uma Campina Grande em processo de industrialização, e uma vida privada a partir de como viviam a elite econômica da cidade. Há uma dificuldade em criar conexão entre o passado e presente da cidade, e assim conectar os visitantes ao passado histórico retratado neste espaço. A “Alma”, a conexão entre sujeito e objeto é ativada de acordo com uma mobilização ativa, e neste espaço, a memória com verdadeira intenção de se preservar é a dos industrialistas, os grandes, os barões do algodão. O museu enquanto instituição não facilita a visualização da multiplicidade de cidades no recorte temático-temporal escolhido, e conseqüente reconhecimento dos moradores-visitantes na sua exibição.

Narramos anteriormente a experiência de visita, dividida em 6 ambientes principais, há notavelmente um ar de que o Museu de História e Tecnologia do Algodão parece demasiadamente com um Museu em torno da História da Tecnologia do Algodão. O principal aspecto da visita ao museu é referente as máquinas, que são exibidas em uma espécie de linha cronológica, mostrando um linear avanço da tecnologia industrial, dá um ar de constante progresso - um traço notadamente positivista. -, há, acreditamos, a tentativa de através delas, impressionar o visitante com a escala da industrialização em uma cidade no agreste paraibano na primeira metade do século XX. Se considerarmos que este seja o real intuito desta instituição, mostrar a progressão tecnológica e industrial, e com ela um pouco da história da Campina Grande do período retratado seria exitosa a tentativa feita pelo MACG. Acreditamos, todavia, que se este for o objetivo desta instituição, ela é pouco ambiciosa, visto o potencial educativo de espaços como museus históricos de maneira geral, especialmente de um localizado *in situ* de onde sua narrativa histórica em parte se passa.

Espaços em condições similares as dos que aqui discutimos existem em relativa grande quantidade pelo Brasil, eles não costumam a receber a devida atenção e cuidado por parte do poder público em torno de sua manutenção e melhoria. Investimentos no setor cultural, especialmente ao tocante de museus de história local, não são vistos como prioridade, apesar do esforço de suas equipes em preservar estes espaços, elas o fazem em meio a grandes dificuldades. Ocorre de maneira similar no tocante a educação, o que também afeta estes espaços, que podem cumprir importante papel nesta área, servindo como auxiliar a educação formal, através de aulas de campo, mas também de maneira informal, ao receber visitantes de maneira geral. Para além da falta de recursos financeiros, há desinteresse do Estado, em suas diversas instâncias, de promover mudanças em torno destes espaços de maneira conceitual, de transformar o “museu-templo” em “museu-fórum”, como coloca Ramos (2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho buscamos discutir a respeito de como a memória da cidade de Campina Grande é representada em seus museus, entre os quais nos dedicamos a fazê-lo com mais profundidade em relação ao Museu do Algodão de Campina Grande. O principal motivo para esta escolha foi o anterior uso do espaço no qual está posto o referido museu como estação ferroviária. Julgamos que este espaço em particular tem uma íntima conexão com o tema que nele é tratado, e com isso consegue evocar forte simbolismos deste momento histórico antes mesmo de visualizar o acervo presente em seu interior. Mobiliza narrativas em torno trem e do algodão, dois aspectos aos quais muito se atribui o desenvolvimento de Campina Grande, e que no passado, transitavam por este espaço.

Nos ocupamos em compreender como um museu pode atuar no tocante ao ensino de história, buscando as possibilidades destes espaços, sobre as quais muito encontramos a partir de nossa bibliografia e buscando identificar como na prática esta era pensada a educação a partir do acervo destes museus. Para o empreendimento desta pesquisa fizemos uma revisão em relação a produção historiográfica sobre a cidade de Campina Grande, também adentramos na literatura existente sobre exposições museológicas, nos interessando particularmente sobre os usos de espaços de memória, como o são os museus, para a preservação e construção de narrativas históricas. Neste sentido, consideramos que com o presente trabalho encontramos no MACG a confirmação deste uso ideológico. Encontramos a comum narrativa de progresso e desenvolvimento, uma cidade em processo de tornar-se civilizada e com maior acesso aos itens representativos deste processo de modernização, sem a apresentação de discussões contrárias a esta proposta de narrativa. Aqui o museu cumpre papel de expoente da história local, este esforço acreditamos ser válido, especialmente no momento atual no qual o ensino sobre esta disciplina está menos usual, mas infelizmente a apresentação sobre a história da cidade se detém ao culto do progresso e aos grandes homens que o trouxeram.

Conseguimos perceber ao adentrar nos espaços que visitamos e que aqui apresentamos gente demasiadamente interessada pela história colocada nestes museus, estes espaços são habitado por uma variedade de sujeitos, entre os quais estão: Os monitores os quais tivemos contato, que não recebem incentivo para buscar aprimoramento profissional, mas ainda assim o fazem; Estudantes, que buscam se conectar a cidade no qual estão inseridos e que tanto ouvem de seus familiares; E estes próprios sujeitos, que experienciaram as mudanças pelas quais

passou a cidade buscam se reconectar com suas vivências. Ao visitar estes espaços notamos como, de certa maneira, o museu serve também como um espaço social, reunindo interessados pela história para entrar em contato com ela e que ali a discutem.

Este trabalho, almeja contribuir para a pesquisa desta temática e auxiliar no avanço de esforços similares e com maior profundidade. Acreditamos que seria interessante em um futuro trabalho buscarmos compreender as percepções de visitantes a estas instituições sobre as narrativas as quais foram lá expostas. Ademais, pode ser frutífero visitar outros locais de memória que tratem da cidade de Campina Grande, ou ainda retornar a espaços que aqui não tiveram tanta proeminência, a exemplo do Museu Histórico, e buscar discutir com mais folego os esforços em torno da criação de uma narrativa histórica por parte de sua exibição museológica.

REFERENCIAS

- ARANHA, Gervasio Batista. **Campina Grande no Espaço Econômico Regional: Estradas de Ferro, Tropeiros e Empório Comercial Algodoeiro (1907-1957)**. Dissertação de Mestrado em Sociologia Rural, UFPB, Mimeo, 1991.
- Araújo, Jair Barbosa. **Breve histórico acerca da representação do algodão no desenvolvimento da cidade de Campina Grande-PB**. Recife, 2004.
- CABRAL FILHO, Severino. **A memória em disputa: o museu do Algodão em Campina Grande-PB, 1973-2013**. Revista Memória em Rede, Pelotas, 2014.
- Costa, Fernanda Pires da. **A Livraria Pedrosa- Casa do Saber: A Emergência de uma cidade Letrada e de Leitores**. Dissertação (Programa de Pós Graduação em História), Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, 2012.
- ESPINOSA, HELEN KAUFMANN LAMBRECHT. **Alma dos objetos: abordagens memoriais e biográficas de objetos do Museu Cláudio Oscar Becker**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio). Universidade Federal e Pelotas. Pelotas, 2019.
- Farias, Paulo Sérgio Cunha. **AS RUGOSIDADES DO COMÉRCIO ALGODOEIRO NO ESPAÇO URBANO ATUAL DE CAMPINA GRANDE-PB**. Revista GeoSertões (Unageo/CFP-UFCG). vol. 2, nº 4, jul./dez. 2017
- FERREIRA, Maria Letícia Mazzuchi. **Museu e memória histórica**. Pelotas: Editora Universitária, 1994.
- Gonçalves, José Reginaldo dos Santos. **As transformações do patrimônio: a retórica da perda à reconstrução permanente in Tamaso, Izabela; Filho, Manoel Pereira Lima (org.). Antropologia e Patrimônio Cultural, trajetórias e conceitos**. Brasília: associação brasileira de antropologia, 2012.
- Fonseca, Maria Cecília Londres. **Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural** in Abreu, Regina; Chagas, Maria (org.) Memória e História: Ensaios Contemporâneos. Rio de Janeiro, 2003.
- Lira Neto, José Batista de. **O bicudo em Ingá-PB: a história da chegada da praga do bicudo no nordeste brasileiro (1983)**. Monografia (Especialização em Estudos de História Local, Sociedade, Educação e Cultura), Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, 2020.
- Nora, P., & Aun Khoury, T. Y. (2012). **Entre Memória e História: A problemática dos lugares**. Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História, 10. 1984
- Pereira, William Eufrasio Nunes. **Breves notas acerca da formação histórico-econômica de Campina Grande: do gado (século XIX) ao algodão (século XX)**. história econômica & história de empresas vol. 19 no 2. 2016.
- Pesavento, Sandra Jathay. **Cidade, Espaço e Tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano** in Fragmentos de Cultura - v.1, n.I (1991). Goiânia: IFITEG, 1991.
- Poulout, Dominique. **Cultura, História, valores patrimoniais e museus**. VARIA HISTÓRIA, Belo Horizonte, vol. 27, nº 46: p.471-480, jul./dez 2011

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto**. 2008.

SILVA, Keila Queiroz; OLIVEIRA, Giuseppe Roncalli Ponce Leon de (org.). **Caminhadas pela cidade: Campina Grande sob diversos olhares**. João Pessoa: Ideia, 2023.

Sousa, Fábio Gutenberg Ramos Bezerra de. **Campina Grande: cartografias de uma reforma urbana no Nordeste do Brasil (1930-1945)**. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 23, nº 46, pp. 61-92 - 2003

Tavares, Antônio Farias. **DO TREM DE CARGA AO TREM DO FORRÓ: CULTURA E TRABALHO NO DISTRITO DE GALANTE-PB (1907 A 1997)** Monografia. Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2016.

Fontes

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Recenseamento Geral do Brasil (1ª de setembro de 1940): SÉRIE REGIONAL, PARTE VIII- PARAÍBA**. Rio de Janeiro, 1952.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO. **Recenseamento do Brasil: realizado em 1 de setembro de 1920. Volume IV Tomo II**. Rio de Janeiro, 1928.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, VIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS. **Synopse do recenseamento: de 31 de dezembro de 1900**. Rio de Janeiro, 1905.

Blog Retalhos Históricos de Campina Grande, acessado no dia 30/10/2024, através do Link: <http://cgretalhos.blogspot.com/>.

Jornal da Paraíba, edição de 12 de fevereiro de 1972.

Jornal da Paraíba, edição de 07 de março de 1972.

Jornal da Paraíba, edição de 10 de março de 1972.

Jornal da Paraíba, edição de 30 de setembro de 1972.